

Rio Ribble

A Liahona 25/1 janeiro 1972

A Igreja na Grã-Bretanha

GM
M205.51
L694P
v.25
1972

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Sinto-me induzido a salientar a união como uma das maiores necessidades de nosso mundo de hoje. Isto não se aplica só ao mundo em geral, como é particularmente importante dentro da Igreja, se pretendemos assumir nosso legítimo papel na liderança da humanidade em direção à paz.

O que provoca desunião e atritos? Existem muitas razões para a desunião, mas uma das principais é o próprio ego do homem. Eu definiria esse ego como desejo de ser reconhecido como pessoa diferente das demais. Esse desejo nada tem de errado por si mesmo, podendo, na verdade, se devidamente dirigido, ser uma grande virtude. Há certa parcela de fé ou orgulho em si própria que toda pessoa feliz e bem sucedida tem de possuir. Devemo-nos guardar tão somente de que o ego se transforme em egoísmo. O ego vem a ser um mal, quando a pessoa se torna intrometida, fazendo excessivas referências à sua própria importância. Acautelem-se quando um homem ou uma mulher monopoliza a conversa e demonstra menosprezo pelas opiniões alheias. Quando o homem não é humilde e procura sempre sobressair e ultrapassar os outros, coloca-se em posição muito perigosa. Creio que tal inclinação é resultante de egoísmo e certa carência do verdadeiro espírito de Jesus Cristo.

Vivemos num mundo repleto de discórdia e desunião. Não precisamos nem devemos acumpliciar-nos com tal maneira mundana de viver.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração. Theodore M. Burton 2
Os Pecadores "Bem-Afortunados". Harold B. Lee 3
A Escola Dominical Como Missionário. Gordon B. Hinckley 5
Tornar Reais as Realidades. Lawrence R. Flake 8
"O Espírito Testifica". Boyd K. Packer 11
Em Busca dos Errantes. N. Eldon Tanner 15
O Homem não pode valer-se... Henry D. Taylor 18
Honestidade e Integridade. Delbert L. Stapley 20
De um Amigo para Outro. Spencer W. Kimball 23
Aqueles Sapatos Especiais. 25
Cristina da Noruega 27
O Prêmio. Olive W. Burt 28
Elias, o Mar Vermelho e Você. John H. Vandenberg 31
Uma Conversa com o Pres. Paul H. Dunn 33
Amor ao que é Reto. Marvin J. Ashton 37
O Matrimônio deve ser Eterno. James A. Cullimore 41
Para onde vão voces, Realmente? Richard L. Evans 44
Notícias da Igreja no Brasil. 48

CAPA

De 27 a 29 de agosto p.p., a Igreja realizou sua primeira conferência geral regional em Manchester, Inglaterra. Em comemoração a esse evento, reproduzimos na capa fotografias de locais históricos na Grã-Bretanha. A anterior mostra o Rio Ribble perto de Preston, onde se fizeram os primeiros batismos. Na capa de trás, aparecem, a partir de cima, fotografias da praça do mercado de Preston, Inglaterra, onde os missionários pregaram pela primeira vez, em 1837; de uma reunião nas ruas de Belfast, Irlanda do Norte; e do porto de Brixham em Batley, Yorkshire, Inglaterra, ponto de partida do **Mayflower.**

A Liahona 25/1 janeiro 1972

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Hélio da Rocha Camargo

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Michael Deputy

MISSÃO BRASIL SUL
R. Dr. Flôres, 105, 14.°
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE
Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Richard Stayner

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.° 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.° 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Mensagem da Primeira Presidência



Os Pecadores "Bem-Afortunados"

Pres. Harold B. Lee

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Haverá realmente pecadores bem-afortunados? Bem, talvez voces estejam pensando no homem independente, que, embora nem sempre tenha feito fortuna com trabalho honesto ou empreendimentos lícitos, leva uma vida de luxo e prazeres. Ele passa os domingos jogando golfe, apreciando uma partida de futebol ou corridas de cavalo, em lugar de preocupar-se com difíceis problemas da Igreja como seu oficial responsável, simplesmente guardando o dia do Sábado; gasta seu dinheiro em longas viagens a locais interessantes, parte do qual, pelo menos, poderia contribuir como dízimo, doações para o progresso da Igreja, ou ainda em prol dos necessitados. Ele não tem tempo para cumprir uma missão para a Igreja às suas próprias custas. Em virtude de sua vida mundana, não tem escrúpulos de tomar álcool ou participar de jogos de azar. Até mesmo a imoralidade é tolerada por seu círculo social, que evita qualquer contato com a Igreja, onde tal conduta, medida pelos padrões evangélicos, seria vigorosamente condenada.

Ao mesmo tempo, devem ter observado que a companheira que vive na casa dele e a quem chama de esposa, geralmente ignora completamente o primeiro mandamento: "...multiplicai-vos e enchei a terra". Ela não pode ser incomodada com filhos, pois poderiam interferir em sua carreira ou atividades sociais. Julga-se acima das restrições da Igreja, acalmando sua consciência com o constante argumento de que, afinal, religião e igreja servem somente para os pobres e simplorios. A fortuna do marido libertou-a das responsabilidades domésticas, por isso evita a monotonia, enchendo os dias com partidas de **bridge** e outras reuniões sociais, em que se dão ao fumo e à bebida, com pouco ou nenhum respeito às injunções contrárias da Igreja. Ela pode acompanhar os últimos e mais dispendiosos caprichos da moda e esquiva-se às marcas indicadoras das lides maternais e domésticas, inclusive a preocupação com filhos.

Talvez, olhando tais quadros do aparente sucesso de pecadores contra os mandamentos do Senhor, voces concluam, por falta de uma perspectiva legítima de toda a extensão da vida e seus propósitos, que eles escolheram o caminho melhor. Poderão achar que em comparação à vida de um membro ativo da Igreja, com suas constantes inibições e restrições, os serviços e sacrifícios decorrentes que exigem tempo, talentos e dinheiro, e os perturbadores choques de consciência, quando se age abaixo dos padrões aceitos, não é nada fácil. Poderão até pensar que as energias empregadas em outros empreendimentos trazem maiores dividendos, e que a religião deveria ser deixada àqueles que não conseguem coisa melhor. Mas, antes de tomarem a decisão final quanto ao rumo a seguir, permitam-me ajudá-los a erguer a visão a uma perspectiva mais elevada, para que possam enxergar as coisas como na realidade são.

Os frutos belos e saborosos não podem desenvolver-se, sem que a planta-mãe tenha sido posta em solo rico e fértil, e depois merecido os devidos cuidados com respeito à poda, cultivo e irrigação. Da mesma forma, os suculentos frutos da virtude e da castidade, da honestidade, temperança, integridade e fidelidade não crescem no indivíduo cuja vida não está fundamentada num firme testemunho das verdades do Evangelho e da vida e missão do Senhor Jesus Cristo. Para atingirmos a verdadeira retidão, é preciso haver uma poda diária dos rebentos daninhos de nosso caráter, através do arrependimento dos pecados.

Quem seria o autor desse programa de "adoçar" o mal e o pecado, de maneira que os tornam tão tentadores aos nossos apetites? Quando houve a guerra nos céus antes da criação do mundo, Lúcifer, um filho de Deus no mundo espiritual, propôs um plano pelo qual os seres mortais seriam salvos sem qualquer esforço ou escolha da parte deles, e por tal serviço, exigia a glória e honra de Deus. Pelo plano de nosso Salvador, Jeová, cada homem teria o direito de escolher por si próprio o curso de sua vida terrena, deven-

Os Pecadores "Bem-Afortunados"

do tudo ser feito para a honra e a glória de Deus, nosso Pai Celestial. O plano de Jeová foi aceito e o de Satanás rejeitado.

Mas, poderiam perguntar, por que Deus, se realmente ama seus filhos, permitiria que Satanás nos tente, comprometendo nossas oportunidades de ganhar as melhores experiências na mortalidade, para assim podermos retornar e gozar a vida eterna em sua presença? A resposta foi dada por um grande mestre-profeta:

"O Senhor Deus deixou, portanto, que o homem agisse por si mesmo; e o homem não poderia agir por si mesmo a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa (isto é, pelo bem ou pelo mal)". (2 Néfi 2:16).

Meditem nisso por um momento. Não houvesse nenhuma oposição ao bem, haveria qualquer oportunidade de exercermos nosso livre-arbítrio ou direito de escolha? Negar-lhes este privilégio seria o mesmo que tirar-lhes a oportunidade de crescer em conhecimento, experiência e poder. Deus estabeleceu leis com as correspondentes penalidades, a fim de que o homem viesse a temer o pecado e fosse guiado ao caminho da verdade e do dever. (Vide Alma 42:20).

E por causa da possibilidade de escolha entre bem e mal, o Senhor providenciou um meio de retorno para aqueles que se desviaram.

Antes de tentar explicar-lhes esse precioso processo refinador da alma humana chamado arrependimento, quero adiantar duas verdades simples, porém fundamentais. Primeiro, apesar de toda a sua astúcia, Satanás não é capaz de derrotá-los, se tentarem com todas as suas forças guardar os mandamentos do Senhor. E, segundo, com a primeira transgressão de um desses mandamentos, vocês deram o primeiro passo de ingresso no território de Satanás.

Agora, quais são os primeiros passos para o arrependimento — os passos que temos que dar, a fim de merecer o perdão de Deus através da redenção do sacrifício expiatório do Mestre e assim, eventualmente, gozar os privilégios da vida eterna no mundo vindouro? O Pai onisciente, prevendo que algumas almas cairiam no pecado e todas teriam motivos para arrepender-se, providenciou um plano de salvação que define o caminho inconfundível do arrependimento.

Primeiramente, o transgressor precisa confessar. "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e abandonará". (D&C 58:43). Esta confissão tem que ser feita primeiro à pessoa mais prejudicada por sua conduta. A confissão sincera não significa meramente admitir a culpa depois da prova evidente. Se tiverem ofendido abertamente muitas pessoas, a confissão deverá ser pública diante daqueles que ofenderam, para que possam demonstrar sua vergonha, humildade e disposição de aceitar a merecida censura. Se for uma transgressão secreta e não causou prejuízo a ninguém, senão à própria pessoa, a confissão também deverá ser secreta, a fim de que seu Pai Celestial que ouve em segredo, possa recompensá-los abertamente. Ações que possam afetar sua condição de membro ou seus privilégios ou avançamento na Igreja, devem ser prontamente confessadas ao bispo a quem o Senhor designou a guarda do rebanho, e foi por ele comissionado como juiz comum em Israel.

A pessoa não batizada que estiver em pecado, poderá de maneira semelhante receber, pelas mãos de um élder autorizado da Igreja, o batismo para a remissão das faltas, se, além disso, estiver preparada pelo entendimento do Evangelho. Após a confissão, aquele que estiver em pecado deve mostrar os frutos de seu arrependimento com boas obras, as quais serão ponderadas com as más. Ele precisa fazer a devida restituição dentro da sua capacidade de restaurar o que tirou, reparando os danos cometidos. Aquele que assim se arrepender de seus pecados e conjuntamente se afasta deles, para não mais repetí-los, tem direito à promessa do perdão, se não tiver cometido uma falta irreparável, como foi declarado pelo Profeta Isaías: "...ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã". (Isaías 1:18).

Mas, por favor, não interpretem mal o verdadeiro sentido das Escrituras. Ninguém pode espojar-se no lodaçal da imundície e do pecado, conduzindo sua vida de maneira inaceitável à vista de Deus, e depois supor que o arrependimento eliminará todos os efeitos de seus pecados, colocando-o no nível em que estaria, se tivesse levado sempre vida reta e virtuosa. O Senhor, em sua bondade e misericórdia, perdoa-lhe os pecados cometidos contra ele ou a sua obra, mas é importante para remover os resultados do pecado contra si mesmo, prejudicando seu próprio progresso em direção à meta eterna.

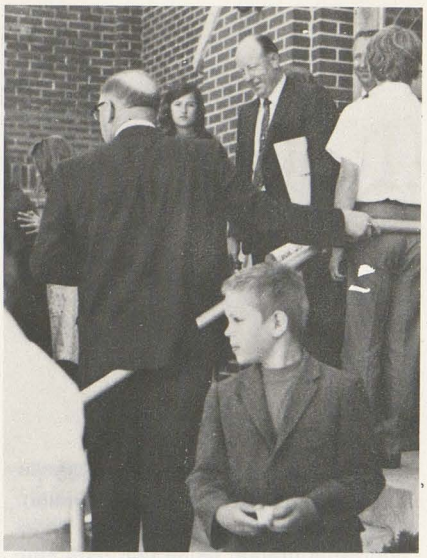
Não existem pecadores bem sucedidos ou afortunados. Um dia, todos terão que postar-se diante do trono de Deus para serem julgados, cada um de acordo com suas obras na carne. E agora, o que acham? O fardo do pecador será mais leve que o do santo?

Que possam ser abençoados e guiados em sua busca do melhor na vida, eu rogo em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

A Escola Dominical Como Missionário

Gordon B. Hinckley

Do Conselho dos Doze

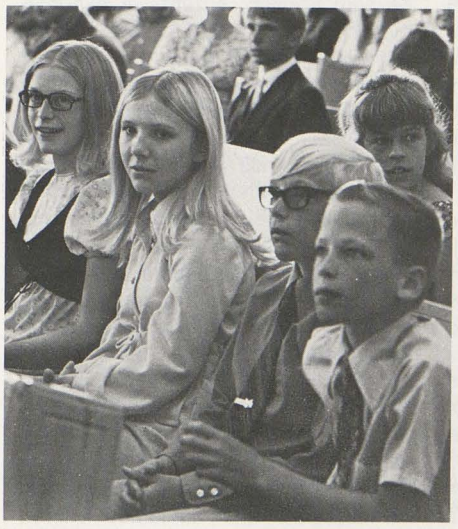














A **Escola Dominical é diferente** das demais auxiliares da Igreja, pois é responsável por **toda** a sua congregação. Seu currículo abrange o espectro inteiro do Evangelho, além de possuir maior alistamento e frequência que qualquer outra organização da Igreja. Conta com a melhor hora do dia e com o melhor dia da semana. Tem feito um bem imensurável, mas resta muito mais a ser realizado. Se quisermos fortalecer a Igreja, o que de fato precisa ser feito; se quisermos promover o conhecimento do Evangelho entre a congregação, o que é uma necessidade; se quisermos refinar a espiritualidade entre nossa gente, e isto é imprescindível — então a Escola Dominical tem que tornar-se mais eficiente. É uma organização maravilhosa que dispõe da oportunidade de influenciar para o bem perene a vida de centenas de milhares de pessoas, dispersas por toda a terra. É uma grande oportunidade e um grande desafio.

Certo dia, apareceu um homem no escritório, para pedir alguns folhetos missionários e mostrou-nos uma carta recebida de seu filho que estava na guerra, que dizia: "Arranjei um amigo. Levei-o à pequena Escola Dominical do nosso grupo — apenas umas três ou quatro pessoas. Meus companheiros não sabem muita coisa e tampouco eu. Tudo o que conheço sobre a Igreja é o pouco que aprendi na Escola Dominical. Por favor, mande-me alguma literatura dela, sim?"

O presente artigo foi adaptado de um discurso proferido na conferência da Escola Dominical de abril de 1971, em Salt Lake City.

A Escola Dominical Como Missionário

É provável que o mesmo aconteça com a maioria de nós. O que sabemos da Igreja é geralmente o que nos ensinaram na Escola Dominical. Vivemos numa época em que o intelecto e o coração dos homens estão sujeitos a milhares de influências. Richard M. Nixon, presidente dos Estados Unidos, declarou um ano atrás: "O estudante médio, quando termina o curso secundário, com aproximadamente dezoito anos de idade, passou 11.000 horas de sua vida na escola, e 15.000 vendo televisão", ao que gostaria de acrescentar que passou menos de 500 horas recebendo instrução nas classes da Escola Dominical.

Diante de tais desafios, deveria brotar no coração de todo líder da Escola Dominical e cada professor na Igreja a resolução de trabalhar um pouco melhor. Debaixo da placa de vidro de minha escrivaninha, guardo a grande afirmação de Robert Browning: "O empenho do homem deveria superar seu alcance". Todos deveríamos empenhar-nos um pouco mais para alcançar aqueles que, embora sendo membros da Igreja, não a frequentam, e também aqueles ausentes que poderiam pertencer a ela.

Lembro-me de uma conferência de estaca numa zona rural da Igreja. Pedi que levantassem a mão todos os que se haviam filiado a ela nos últimos dezoito meses. Entre estes, estavam um casal ainda jovem e seus três filhos. Então, dirigi-me àquele homem, dizendo: "Sei que não é muito gentil da minha parte, mas gostaria de pedir-lhe que viesse ao púlpito e, em dez minutos, nos contasse como veio a conhecer a Igreja e o que ela significa para você".

Ele atendeu a meu pedido e falou: "Vim para aqui trabalhar como engenheiro na grande usina que está sendo construída ali no deserto. Quando viemos, decidimos filiar-nos a uma igreja.

"Como minha mulher certa vez trabalhou para um mórmon e sentiu-se impressionada com suas atitudes, resolvemos tentar primeiramente esta Igreja, e assim, certo domingo de manhã, chegamos muito tímidos a esta capela, entrando pela porta de trás lá no canto do saguão. Ao entrarmos, um senhor estendeu-nos a mão, dizendo: "Bom dia, sou o Irmão Fulano" ao que respondi declinando meu nome. Ele prosseguiu: "É a primeira vez que os encontro. São recém-chegados à nossa região?" "Certo." "De que ala vieram?" Vendo minha confusão, finalmente concluiu que não éramos membros da Igreja, e disse: "Entrem e sentem-se aqui comigo, e tentarei explicar-lhes o que acontece". E assim, sentou-se ao nosso lado. Na hora de irmos para as classes, ele conduziu nossos filhos às aulas apropriadas e os apresentou ao respectivo professor, levando-nos à classe de doutrina do Evangelho. Ocupamos cadeiras na última fila, onde não chamaríamos atenção.

"Ao término da Escola Dominical, explicou: "Temos outra reunião hoje à noite. Minha mulher e eu teríamos prazer em ir buscá-los, "ao que respondi: "Não, isto não será preciso. Viremos por conta própria". Ao voltarmos aquela noite, lá estava o casal para nos dar as boas-vindas; sentimo-nos à vontade e encantados. Descobrimos que havíamos encontrado o que procurávamos. Poucas semanas depois, fomos batizados".

De pé atrás do púlpito, lágrimas brotaram dos olhos daquele homem e desceram-lhe pelas faces, quando prosseguiu: "Há um mês, fomos a Salt Lake City e passamos pelo templo. Não consigo encontrar palavras para dizer-lhes o que isto significou para nós e o nosso lar".

Atualmente, esse homem tem um filho em missão — o mesmo rapazinho presente àquela conferência de estaca numa tarde de domingo, que encontrara a Igreja por intermédio da Escola Dominical.

Se fosse um líder da Escola Dominical, eu me esforçaria como nunca antes para assegurar que na minha organização houvesse um espírito de reverência tão forte, ensino tão estimulante e música tão enaltecedora, de modo que todos os presentes saíssem reanimados e sentindo profundo desejo de voltar na semana seguinte. Cultivaria na minha equipe de oficiais e professores o espírito missionário, um anseio de alcançar e reativar aqueles que se encontram lá fora nas sombras — e estes somam por volta de 50% — quase que um inativo para cada ativo. Pediria aos professores que solicitassem ao secretário executivo da ala o nome dos mestres familiares de cada uma dessas pessoas. Depois, falaria com eles, para que se empenhassem em favor de cada uma delas e, se não obtivessem êxito, pediria permissão para ajudá-los nesse particular. Quando conversasse com as pessoas que vagueiam nas sombras, não solicitaria seu comparecimento à Escola Dominical, mas oraria ao Senhor por sabedoria, para

encontrar algum tipo de oportunidade desafiante que lhes pudesse oferecer. As pessoas não reagem a rogos — reagem diante de desafios. E depois, faria de todo membro da minha classe um missionário, trazendo à Escola Dominical alguém que não conheça a Igreja.

Cerca de um ano atrás, senti-me grandemente impressionado pelas palavras de uma irmã durante a reunião de testemunhos, em um ramo da América do Sul. Essa mulher filiara-se à Igreja três meses antes, e mostrava-se inflamada, entusiasmada, falando como alguém que tivesse tido uma experiência semelhante à de Saulo de Tarso. Queria fazer alguma coisa e realmente a estava fazendo. Após a reunião, conversando com o presidente da missão sobre essa mulher, ele me disse: "Desde que entrou para a Igreja há três meses, ela já deu aos missionários trezentas referências, das quais sessenta e sete resultaram em batismo. Ela tem sido a acompanhante e anfitrioa dessas pessoas na Escola Dominical, Reunião Sacramental e AMM".

Se fosse um professor da Escola Dominical, cairia de joelhos, rogando ao Senhor inspiração, orientação e auxílio para essa sublime empresa. Faria tanto empenho em melhorar minhas qualidades de professor e o espírito do meu ensino, que meus alunos sentiriam vontade de voltar sempre. Nunca perderia de vista estas duas importantes passagens das Escrituras: "Sê humilde; e o Senhor teu Deus te conduzirá pela mão e responderá as tuas orações". (D&C 112:10). E o grande mandamento e promessa referentes ao assunto de que estamos falando: "Ensinai diligentemente e a minha graça vos atenderá..." (D&C 88:78).

Existem mais de 1.900 ramos nas missões da Igreja. Penso que, talvez com raras exceções, todos eles começaram com uma Escola Dominical. Desses modestos inícios, desenvolveram-se ramos fortes, grandes distritos, missões extensas e atenuantes, e florescentes estacas de Sião. A pequena Escola Dominical de ramo é para a Igreja o mesmo que o botão para a flor, e depois para o fruto maduro. A Escola Dominical é a mais proveitosa reunião da Igreja para se levar um investigador do Evangelho. É impossível prever as consequências quando se inicia tal processo de trabalho missionário.

O Presidente Charles A. Callis, ex-membro do Conselho dos Doze, conta a história a seguir: "Quando presidia à Missão dos Estados Sulinos, chegou ao meu escritório um jovem que, tendo completado seus dois anos de missão, estava de partida para casa e vinha apresentar seu relatório final. Perguntei-lhe: "Quais suas realizações?" ao que respondeu: "Presidente Callis, não realizei coisa alguma. Desperdicei meu tempo e o dinheiro de meu pai, e agora volto para casa". Insisti: "Você não conseguiu nenhum batismo?" "Sim, um único. Batizei um sertanejo lá bem do interior onde temos apenas uma pequena Escola Dominical — um sujeito que nem sequer usa sapatos".

O Presidente Callis prosseguiu, dizendo: "Fiquei intrigado com a sensação de fracasso daquele jovem. Na próxima vez que visitei aquele distrito, procurei conhecer o tal homem. Descobri que havia calçado sapatos, usava camisa e gravata, e trabalhava como secretário da Escola Dominical do humilde ramo. Depois veio a ser superintendente da Escola Dominical, foi ordenado diácono, depois mestre, em seguida sacerdote e élder. Tornou-se presidente do ramo. Mudou-se do pequeno sítio arrendado em que êle e anteriormente seu pai haviam vivido; comprou um pedaço de terra virgem que limpou, cultivou e fez frutificar. Tornou-se presidente do distrito. Mais tarde, vendeu sua propriedade e foi para Idaho, onde formou uma bela fazenda no vale de Snike River. Seus filhos cresceram e foram para a missão e agora seus netos estão fazendo o mesmo".

Depois, o presidente acrescentou: "Na semana passada, estive em Idaho para uma inspeção e descobri que, devido àquele único batismo feito pelo rapaz que voltou para casa pensando ter fracassado, mais de mil e cem pessoas vieram para a Igreja".

O Senhor declarou: "Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes.

"Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente..." (D&C 64:33-34).

O desafio dessa grande organização é, pois, torná-la um instrumento eficiente e persuasivo, para tirar das sombras aqueles que andam em miséria, infelicidade e remorsos, e trazer para a Igreja, a fim de que sejam eternamente abençoados, os que atualmente não conhecem sua doutrina salvadora.

Tornar Reais as Realidades

Lawrence R. Flake

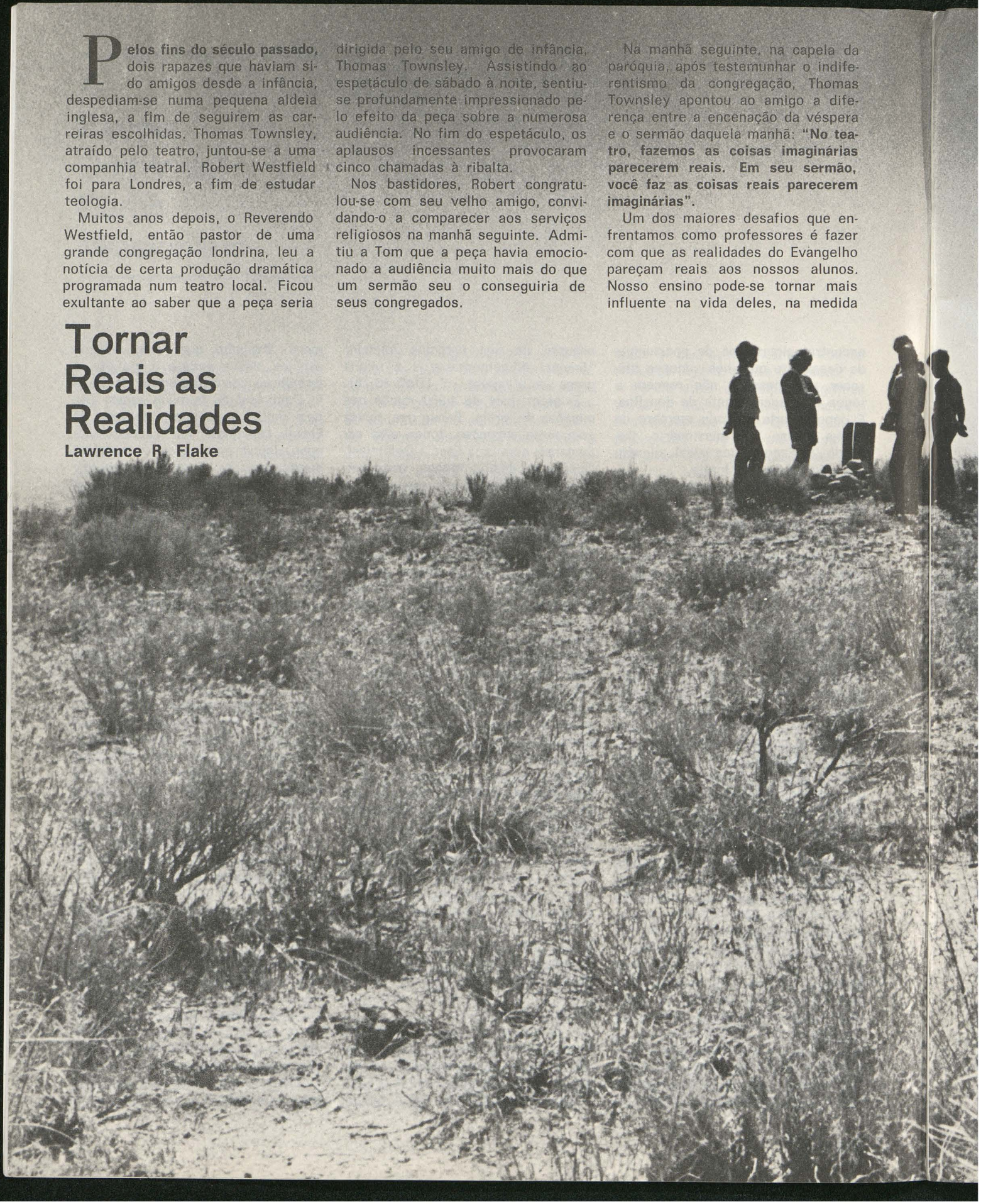
Pelos fins do século passado, dois rapazes que haviam sido amigos desde a infância, despediam-se numa pequena aldeia inglesa, a fim de seguirem as carreiras escolhidas. Thomas Townsley, atraído pelo teatro, juntou-se a uma companhia teatral. Robert Westfield foi para Londres, a fim de estudar teologia.

Muitos anos depois, o Reverendo Westfield, então pastor de uma grande congregação londrina, leu a notícia de certa produção dramática programada num teatro local. Ficou exultante ao saber que a peça seria dirigida pelo seu amigo de infância, Thomas Townsley. Assistindo ao espetáculo de sábado à noite, sentiu-se profundamente impressionado pelo efeito da peça sobre a numerosa audiência. No fim do espetáculo, os aplausos incessantes provocaram cinco chamadas à ribalta.

Nos bastidores, Robert congratulou-se com seu velho amigo, convidando-o a comparecer aos serviços religiosos na manhã seguinte. Admitiu a Tom que a peça havia emocionado a audiência muito mais do que um sermão seu o conseguiria de seus congregados.

Na manhã seguinte, na capela da paróquia, após testemunhar o indiferentismo da congregação, Thomas Townsley apontou ao amigo a diferença entre a encenação da véspera e o sermão daquela manhã: **"No teatro, fazemos as coisas imaginárias parecerem reais. Em seu sermão, você faz as coisas reais parecerem imaginárias".**

Um dos maiores desafios que enfrentamos como professores é fazer com que as realidades do Evangelho pareçam reais aos nossos alunos. Nosso ensino pode-se tornar mais influente na vida deles, na medida



em que conseguimos vencer tal desafio.

Por causa da fé e da pureza das crianças pequenas, as realidades invisíveis do Evangelho frequentemente são muito reais para elas. Uma garotinha de três anos, cujos pais lhe haviam ensinado que Jesus estava nos céus e cuidava dela, brincava sozinha, sem notar que a mãe estava perto. Levantando o olhar de seus brinquedos, sussurrou: "Olá, Jesus". Para ela, o Senhor não era uma abstração, mas um amigo querido com quem podia falar. A não ser que ajudemos nossos alunos a conservar sua fé nessas realidades, talvez eles percam essa inestimável certeza de criança nas coisas invisíveis.

Recentemente, o bispo de uma ala de estudantes visitou certo universitário inativo. Conversando com ele, o bispo descobriu que aquele jovem havia sido muito ativo na Igreja quando rapaz. Indagando as razões de seu presente afastamento, o estudante respondeu: "Bem, bispo, quando entrei na faculdade fiz uma grande descoberta. Cheguei à conclusão de que Jesus, afinal, não me quer "brilhando" por ele. Esta alusão do jovem a um hino infantil torna patente que o testemunho de Jesus e o entendimento do seu amor não amadurecera desde seus dias de Escola Dominical Júnior. Quão diferente não poderia ter sido sua percepção do amor de Cristo, se, durante sua adolescência, um professor dedicado o ajudasse a desenvolver a fé infantil naquele conceito ensinado pelo pequeno hino.

Outro jovem, talvez da mesma idade daquele estudante universitário, serve de excelente exemplo de alguém, cuja fé no Senhor e comprometimento para com os convênios do



Tornar Reais as Realidades

Evangelho, eram definitivamente reais e não imaginários. Enquanto servia como escravo na casa de Potifar, José, filho de Israel, resistiu firmemente aos desígnios iníquos da mulher de seu senhor. Sua atitude destemida demonstra quão reais considerava os convênios feitos: "Como", perguntou, "faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?" Êle sentia tão fortemente a realidade desses convênios, que não conseguia quebrá-los.

Quando os alunos começam a sentir a realidade dos ensinamentos do Evangelho, eles também podem conseguir uma força imensa de seus comprometimentos. De que forma podemos fazer com que as coisas reais assim pareçam aos olhos de nossos alunos?

O agudo sofrimento dos pioneiros é um dos aspectos da história da Igreja que a juventude moderna, abençoada com tanto conforto, muitas vezes acha difícil entender. Certo professor lançou mão de um exemplo impressivo, para ajudar seus alunos a sentirem a realidade daquelas provações. Num dia bastante frio, passou os primeiros minutos da aula descrevendo os tremendos sofrimentos e privações dos pioneiros. Falou dos mais de seis mil tristes funerais apressados, que se realizaram nas planícies inóspitas entre 1847 e 1869. Depois, comprometendo-se todos a manter completo silêncio, os membros da classe saíram para o ar livre sem agasalhos, postando-se em torno de uma pilha de pedras previamente levantadas num canto bem afastado e escondido do terreno. O professor pediu-lhes que se imaginassem os pais de uma criança que acabava de ser sepultada. Explicou que as pedras haviam sido amontoadas sobre a cova, a fim de protegê-la contra os lobos. Os alunos ficaram ali de pé, no frio, em silêncio, por alguns minutos a meditar, antes de retornarem à sala de aula.

Sem acrescentar mais nada, aquele professor pediu-lhes que expressassem por escrito o que haviam pensado e sentido durante a experiência. Depois, cantaram o hino "Vinde, ó Santos".

Uma experiência dessas, bem dirigida, pode prover aos alunos, em poucos minutos, uma visão muito melhor das privações de seus antepassados do que muitas horas de preleção sobre o assunto, e com a vantagem de que não a esquecerão tão cedo.

A importância de se guardarem os mandamentos pode ser tornada muito real pela visita de um orador cuidadosamente escolhido. Uma hora passada com um membro egresso dos Alcoólicos Anônimos poderia ser muito proveitosa. Assim também a visita de alguém, apanhado na armadilha do fumo ou drogas, poderia incutir nos alunos a realidade do valor da Palavra da Sabedoria. Em muitos estados, a direção de prisões se prontificaria em trazer à classe alguns sentenciados, a fim de contar aos alunos como começou sua infeliz vida criminosa.

Se formos criativos, podemos encontrar inúmeras oportunidades para fugir às técnicas batidas que, às vezes, fazem as coisas reais parecerem imaginárias aos alunos.

Até mesmo como exame podemos criar uma experiência que ajudará os alunos a sentirem a realidade das coisas reais. Por exemplo, após o estudo da vida de um grande líder, como o Profeta Joseph Smith, em lugar de pedir um teste sobre datas, lugares, acontecimentos ou nomes, por que não pedir aos alunos que redijam um tópico sobre: "Se pudessem conversar quinze minutos com o Profeta, o que discutiriam com ele?" Para responder a tal pergunta, os alunos pensariam nele como pessoa real com quem se pode falar, ao invés de simples nome ou fotografia num livro.

Uma aula acerca da tentação poderia ser transformada em coisa real, pedindo aos alunos que elaborem um plano concreto, do ponto de vista de Satanás, para desencorajar um jovem a cumprir missão ou casar-se no templo.

Quase todos nós, como professores do Evangelho, poderíamos melhorar o ensino, utilizando idéias compatíveis com nossa própria personalidade e que auxiliarão os alunos a verem a realidade das coisas reais. O dom do Espírito Santo e a revelação contínua nos tornam possível conhecer e ensinar as realidades de Jesus e de seu Evangelho. Isto é ilustrado por um incidente ocorrido na Feira Mundial de Nova York, de 1964-65.

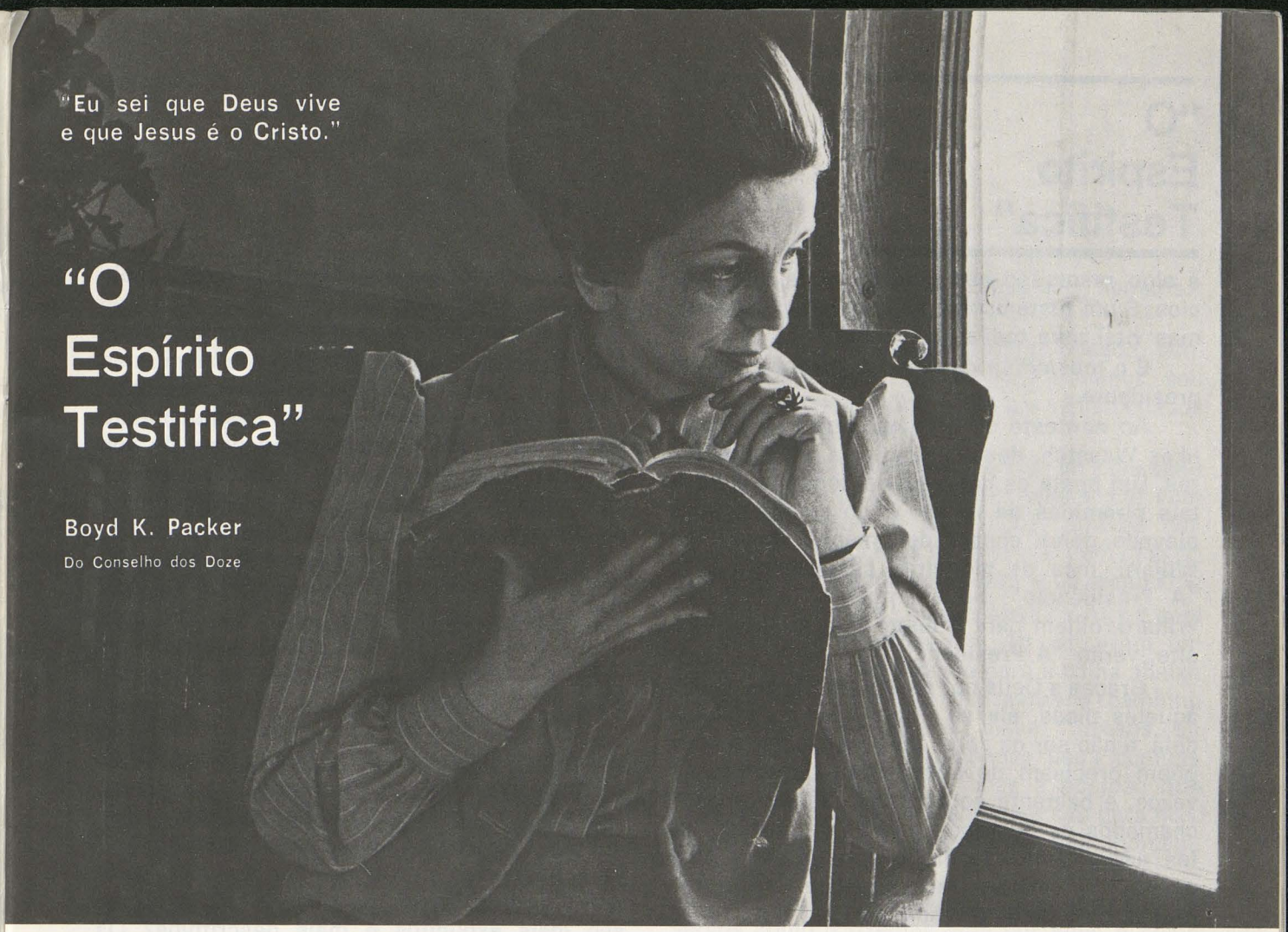
G. Stanley McAllister, presidente da Estaca de Nova York, já falecido, teve ocasião de conversar com um sacerdote católico, associado ao Pavilhão do Vaticano. Ao discutirem as mostras de suas respectivas igrejas, observaram que ambas expunham uma impressionante escultura de Jesus. O pavilhão católico abrigava a **Pietá** de Miguel Angelo, que mostra o corpo sem vida do Salvador nos braços de sua mãe. O mórmon exibia o **Cristo,** esculpido por Thorvaldsen, retratando o Salvador ressurrecto com os braços estendidos para a humanidade. Comentando a diferença entre essas duas obras de arte, o sacerdote disse: "Nós temos o Cristo morto, mas vocês têm o vivente".

Que grande privilégio ensinar a realidade desse Cristo vivente e pertencer à sua Igreja restaurada — a única Igreja verdadeira e viva sobre a face da terra.

"Eu sei que Deus vive
e que Jesus é o Cristo."

"O Espírito Testifica"

Boyd K. Packer
Do Conselho dos Doze



Hoje faz exatamente um ano que, em solene assembléia, tivemos o privilégio de erguer a mão em apoio das autoridades da Igreja, parecido com o que fizemos esta manhã. Foi naquela manhã de abril que ouvi meu nome ser apresentado como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, a fim de ser ratificado pelo voto de vocês, impondo-me a obrigação de postar-me junto aos outros homens chamados como testemunhas especiais do Senhor Jesus Cristo sobre esta terra.

Vocês, como eu também, devem ter perguntado a si mesmos por que eu havia sido chamado. Houve momentos em que parecia acidental eu ter permanecido digno, no entanto sempre existiu aquela constante, tranquila, persistente sensação de estar sendo guiado e preparado.

Hoje pela manhã, tivemos o privilégio de erguer a mão para apoiar o presidente da Igreja. Considero um grande privilégio e uma obrigação especial, pois tenho um testemunho sobre ele.

Algumas semanas antes da reunião de abril p.p., saí do meu escritório certa tarde de sexta-feira, pensando na designação da conferência de fim de semana. Esperei o elevador descer do quinto andar.

Quando suas portas se abriram silenciosamente, ali estava o Presidente Joseph Fielding Smith. Houve um instante de surpresa ao vê-lo, pois seu escritório fica num andar inferior.

Ao vê-lo emoldurado pela porta aberta, senti cair sobre mim um forte testemunho — ali está o profeta de Deus. Aquela doce voz do Espírito tão afim da luz, que tem algo da inteligência pura, testificava-me que aquele homem era o profeta de Deus.

Não é preciso definir aquela experiência aos santos dos últimos dias. Esse tipo de testemunho é uma característica desta Igreja. Não

"O Espírito Testifica"

é algo reservado aos ocupantes de altos ofícios. É um testemunho, não apenas disponível, mas vital para todos os membros.

E o mesmo se dá com os conselheiros do presidente.

Ao nordeste de nós, na cadeia de montanhas Wasatch, destacam-se três picos altaneiros. Um poeta os descreveria como monumentais pirâmides de rocha. O do centro e mais elevado deles consta dos mapas como Pico Willard, mas os pioneiros chamavam-nos de "A Presidência". Se eventualmente forem a Willard, olhem para o leste e ali no alto, bem alto, verão "A Presidência".

Graças a Deus por essa presidência. Como aqueles picos, ela se ergue sem nada acima dela, a não ser os céus. Os homens que a compõem precisam de nosso voto de apoio. Às vezes, é bastante solitário nas alturas desses chamados de liderança — pois o chamado deles não é para agradar o homem, mas para agrado do Senhor. Deus abençoe esses três grandes e excelentes homens.

No decorrer do ano passado, ocasionalmente fizeram-me uma pergunta. Em geral é feita por curiosidade, quase que uma indagação ociosa sobre as qualificações para ser uma testemunha de Cristo: "Já teve ocasião de vê-lo?"

Eis uma pergunta que nunca fiz a outra pessoa. Nunca fiz tal pergunta aos irmãos do quorum, pois considero este assunto tão sagrado e pessoal, que seria preciso ter uma inspiração especialíssima, de fato uma autorização até mesmo para fazê-la.

Existem certas coisas sagradas demais para serem discutidas. Sabemos disso em relação às coisas do templo. Em nossos templos, realizam-se ordenanças sagradas, gozam-se experiências sagradas. E no entanto, em virtude de sua natureza, não as discutimos fora daqueles muros santos.

Não é que sejam secretas, são sagradas, não devendo ser discutidas, mas sim entesouradas, protegidas e consideradas com a mais profunda reverência.

Vim a compreender o que o profeta Alma quis dizer:

"... É dado a muitos conhecer os mistérios de Deus; é-lhes, porém, absolutamente proibido divulgá-los, a não ser a parte de sua palavra que ele concede aos filhos dos homens, de acordo com a obediência a atenção que lhe dispensam.

"Portanto, aquele que endurecer seu coração receberá uma parte menor de sua palavra; e o que não endurecer seu coração receberá uma maior parte de sua palavra, até que lhe seja concedido conhecer todos os mistérios de Deus." (Alma 12:9-10).

Existem certas pessoas que, ouvindo os testemunhos prestados na Igreja por irmãos de alta posição e por membros nas alas e ramos, todos expressos nas mesmas palavras — "Eu sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo" — perguntam a si mesmas: "Por que não pode ser dito em palavras mais claras? Por que não são mais explícitos e mais descritivos? Os apóstolos não podem dizer mais?"

É semelhante às experiências sagradas do templo que se tornam nosso testemunho pessoal. É sagrado e quando temos que expressá-lo em palavras, dizemo-lo da mesma forma — todos usando as mesmas expressões. Os apóstolos o declaram com as mesmas frases empregadas pelas crianças da Primária ou Escola Dominical. "Eu sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo."

Faríamos bem em não menosprezar os testemunhos dos profetas ou das crianças, pois, "ele comunica a sua palavra aos homens por intermédio dos anjos; sim, não só aos homens mas também às mulheres. E isso não é tudo; muitas vezes se comunicam palavras às crianças, que confundem o sábio e o instruído." (Alma 32:23).

Muitos procuram um testemunho a ser prestado de alguma forma nova, dramática e diferente.

A prestação de testemunho é muito parecida com a declaração de amor. Os românticos, os poetas e os que amam têm procurado maneira mais impressivas para declarar ou cantar ou descrevê-lo, desde os princípios dos tempos. Lançaram mão de todos os adjetivos, todos os superlativos, todos os recursos de expressão poética. E quando, afinal, tudo foi dito e feito, a declaração mais poderosa se resume em três simples palavrinhas.

Para aquele que procura honestamente, basta o testemunho prestado com essas frases singelas, pois quem testifica é o espírito, não as palavras.

Há uma força de comunicação tão real e tangível como a eletricidade. O homem inventou meios de transmitir sons e imagens através do ar, que são captados por antenas e reproduzidos, podendo ser ouvidos e vistos. Esse outro tipo de comunicação poderia ser comparado àquele, só que milhões de vezes mais poderosos, e o testemunho transmitido é sempre a verdade.

Existe um processo pelo qual a inteligência pura pode fluir, pelo qual podemos vir a saber com certeza, nada duvidando.

Disse-lhes que havia uma pergunta que não pode ser feita levianamente nem respondida, sem sermos movidos pelo Espírito. Eu nunca fiz tal pergunta a outros, mas os tenho ouvido responder a ela — porém não quando lhes era feita. Eles responderam a ela quando movidos pelo Espírito em momentos sagrados, quando "o Espírito testifica". (D&C 1:39).

Escutei um dos meus irmãos declarar: "Eu sei por experiências sagradas demais para serem contadas que Jesus é o Cristo."

Ouvi outro testificar: "Eu sei que Deus vive; sei que o Senhor vive. E mais ainda, eu conheço o Senhor."

Não eram as palavras deles que transmitiam o sentido ou a força, mas o Espírito, "... porque quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva as suas palavras aos corações dos filhos dos homens." (2 Néfi 33:1).

Abordo esse assunto em humildade, sentindo, constantemente que sou o menor, sob todos os aspectos, daqueles que são chamados para esse santo ofício.

Vim a compreender que não se consegue o testemunho procurando por sinais. Ele vem através do jejum e da oração, através das obras, das provas e da obediência. Vem quando se apóiam os servos do Senhor e os seguimos.

Karl G. Maeser[1] atravessava os Alpes com um grupo de missionários. Ao atingirem um cimo, ele parou. Apontando para a trilha abaixo onde algumas estacas balizavam o caminho para se cruzar a geleira, disse: "Irmãos, ali está o Sacerdócio. São apenas paus comuns como o resto de nós... mas a posição que ocupam é o que os faz aquilo que são para nós. Se nos afastarmos do caminho que indicam, estamos perdidos."

O testemunho depende de apoiarmos seus servos como o fizemos aqui por sinal e como deveríamos fazer também por ação.

Fico imaginando com vocês por que uma pessoas como eu teria sido chamado para o santo apostolado. Faltam-me qualificações. Há tanta coisa em meu empenho de servir que deixa a desejar. Meditando a questão, cheguei a uma única coisa, uma qualificação que poderia ser a razão, e esta é; ou possuo **aquele** testemunho.

Afirmo-lhes que sei que Jeus é o Cristo. Sei que ele vive. Ele nasceu no meridiano dos tempos. Pregou o Evangelho, foi provado e crucificado. Ressuscitou no terceiro dia. Ele foi as primícias da ressurreição. Possui um corpo de carne e ossos. Isso eu lhes testifico. Sou uma testemunha dele. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

---

1. **Karl G. Maeser — Educador nascido na Alemanha, primeiro presidente da Universidade de Brigham Young. Citação extraída de** Karl G. Maeser Mormon Educador **por Alma P. Burton (Deseret Book Co., 1953), p. 22.**

Sinto-me sempre feliz, irmãos, quando tenho oportunidade de reunir-me com o Sacerdócio. Como já disse antes, tenho tido encontros com homens de alta posição em diversos países, ocupantes de cargos de responsabilidade, líderes, executivos e assim por diante, mas nunca sinto o mesmo que ao reunir-me com o Sacerdócio.

Ao ouvir e desfrutar esses belos discursos, olhando esta grande audiência e pensando em todos aqueles reunidos nesta noite — o Presidente Lee falou falou em 170.000 — e gozando a amizade e fraternidade de nossos irmãos no Sacerdócio, fiquei meditando sobre o rapaz lá fora que não está aqui, que não faz parte de nosso grupo, por achar que não é desejado, compreendido ou amado.

Não existe ala em que não haja indivíduos entre doze e setenta anos de idade que, embora o neguem, estão sedentos de atenção, de amor fraternal e uma vida ativa na Igreja.

É preciso que nós, como líderes, e todos de nós, nunca nos esqueçamos de que o mundo procura a felicidade. A nós cabe o grande privilégio e a responsabilidade de mostrar-lhes o caminho da alegria e do sucesso. Muitas vezes, alguma ninharia, uma desconsideração ou um mal entendido levam alguém à inatividade. Há aqueles que são desencorajados e se tornam inativos, porque se sentiram negligenciados ou foram ofendidos, ou então são culpados de alguma transgressão e, por isso, sentem-se proscritos ou que não há lugar para eles, que são indignos ou indesejáveis. Acham que estão perdidos e não podem ser perdoados. Nós, como líderes, precisamos deixar que saibam que os amamos, e ajudá-los a entender que o Senhor os ama e que lhes perdoará, caso se arrependerem sinceramente.

Aqui nos Estados Unidos temos uma velha canção que diz: "Por onde andará meu filho errante?" e fiquei imaginando se para nós não teria mais sentido levemente alterada: "Por que anda meu filho errante?"

Se todos os que escutam hoje à noite, e todos os que escultaram esta manhã e tarde, as mensagens desta conferência geral, seguirem as instruções dadas, não serão filhos errantes.

Mas, às vezes, as pessoas se desviam, como já disse, por causa da maneira que as tratam, porque são negligenciadas, ou porque sentem-se indesejáveis.

O Senhor deu-nos a parábola da ovelha perdida, que gostaria de repetir porque a considero importante:

"E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir.

"E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores, e come com eles.

"E ele lhes propôs esta parábola dizendo:

"Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?

"E, achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso;

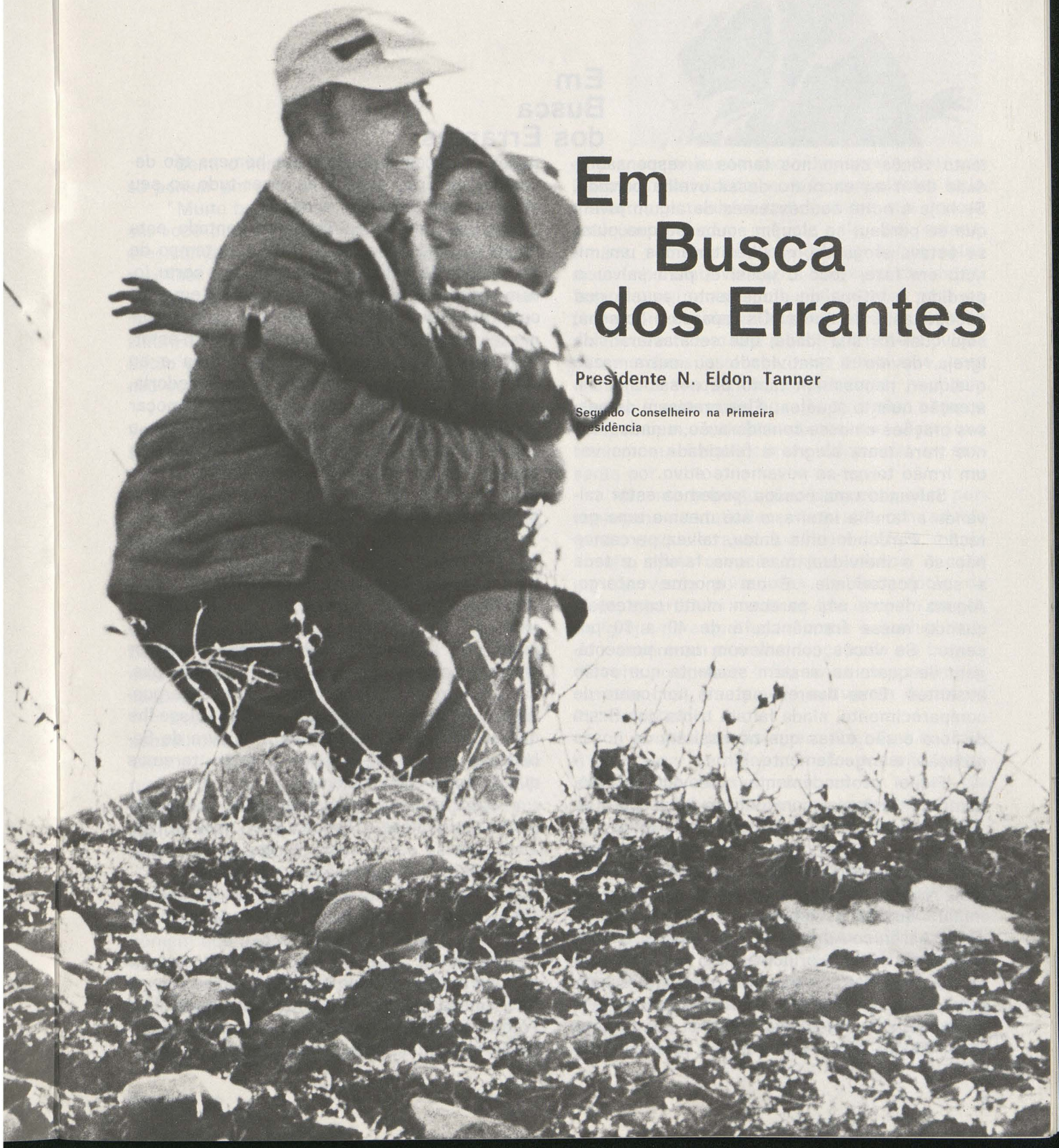
"E, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento". (Lucas 15:1-7).

Todo bispo, todo presidente de estaca, todo líder de qualquer organização que seja, conhece alguém que necessita de atenção, e



"Por que já achei minha ovelha perdida."
Lucas 15:16



Em Busca dos Errantes

Presidente N. Eldon Tanner

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Em Busca dos Errantes

tanto vocês como nós temos a responsabilidade de ir ao encontro dessa ovelha perdida. Se hoje à noite soubéssemos de algum jovem que se perdeu, se alguém soubesse que outro se estava afogando, não hesitaríamos um minuto em fazer todo o possível para salvar o perdido, a vítima de afogamento, aquele que necessitasse de ajuda. Os rapazes e homens, seja qual for sua idade, que se afastaram da Igreja devido à inatividade ou outra razão qualquer, necessitam tanto de nossa ajuda e atenção quanto aqueles. Êles precisam de nossas orações e nossa consideração, e nada mais nos trará tanta alegria e felicidade como ver um irmão tornar-se novamente ativo.

Salvando uma pessoa, podemos estar salvando a família inteira, e até mesmo uma geração. Perdendo uma única, talvez percamos não só o indivíduo, mas uma família e toda a sua posteridade. É um enorme encargo. Alguns dentre nós parecem muito contentes, quando nossa frequência é de 40 a 70 por cento. Se vocês contam com uma porcentagem de quarenta, restam sessenta que estão ausentes. E se tiverem setenta por cento de comparecimento, ainda faltam trinta que ficam de fora e são estes que necessitam de nossa atenção, e urgentemente.

Fiquei profundamente comovido quando, numa conferência, convidei um bispo para dizer-nos alguma coisa. Ao falar, seus olhos marejaram-se de lágrimas e mal conseguia articular as palavras, ao dizer: "Quero expressar meu reconhecimento aqui ao meu mestre familiar. Eu era um portador inativo do Sacerdócio Aarônico-Adultos e esse mestre familiar cuidou de mim. A princípio, não tinha vontade de vê-lo; de fato, recusei-me, mas ele insistiu até que lhe permitisse entrar em minha casa e ensinar-me. E aqui estou agora, como bispo dele. Quero deixar-lhe a minha profunda gratidão.". Graças ao Senhor por homens tão devotados que não deixam de fazer tudo ao seu alcance para salvar os errantes.

Possivelmente eu já tenha contado esta minha experiência pessoal. Em meu tempo de presidente de estaca, conversei com certo jovem muito competente; era um perito em agricultura e precisávamos de um supervisor nesse campo em nosso comitê de bem-estar. O jovem era membro inativo da Igreja e eu sabia que não guardava a Palavra de Sabedoria, mas, mesmo assim, convidei-o para almoçar comigo; enquanto conversávamos, disse-lhe o que desejava dele, explicando: "Você é a pessoa melhor preparada e capacitada para esse trabalho. Nós precisamos de você, e você precisa de atividade".

Falamos mais um pouco e então ele disse: "Bem, Presidente Tanner, o senhor sabe que não cumpro a Palavra de Sabedoria".

Respondi: "Bem, mas você pode fazê-lo, não é?" Provavelmente, isto não foi muito justo, mas ele retrucou: Presidente, o senhor encara as coisas de outro ângulo. No mês passado, fui procurado por meu bispo que perguntou se aceitaria um cargo na ala. Disse-lhe que eu não estava guardando a Palavra de Sabedoria, ao que respondeu: "Então teremos que arranjar outra pessoa".

Após argumentarmos por mais alguns momentos, eu disse: "Escute aqui, meu irmão, você precisa ser ativo na Igreja, e nós precisamos de você, realmente precisamos".

"O senhor quer dizer que, se eu aceitar uma posição como essa, não poderia tomar nem uma xícara de café?"

Respondi: "Isto mesmo, é exatamente o que quero dizer. Qualquer líder precisa ser um líder, um exemplo. Se você tomar parte num comitê da estaca, esperamos que viva o Evangelho como o homem deve vivê-lo".

"Bem, o senhor compreende, então preciso pensar um pouco".

"Muito bem, pense, no caso. Mas, lembre-se, você precisa da atividade na Igreja e nós precisamos de você", ao que retrucou: "Farei o senhor saber de minha decisão".

Ele não me chamou no dia seguinte, nem no segundo, nem no outro, e finalmente, passaram-se seis dias sem resposta alguma. Então pensei: Bem, ele não quer admitir que não consegue guardar a Palavra de Sabedoria.

No oitavo dia, comunicou-se comigo e disse: "Presidente Tanner, sua proposta sobre aquele cargo ainda continua de pé?"

Respondi: "Sim, foi por isso que o convidei e falei com você no outro dia".

"Então vou aceitá-la e nos termos do senhor".

E ele realmente fez o trabalho, e nas minhas condições. Era um rapaz solteiro, embora já tivesse uns trinta e tantos anos. Tornando-se ativo, veio a conhecer uma jovem que trabalhava como presidente da AMM da estaca, uma excelente pessoa com quem acabou casando.

Depois, tornou-se bispo, mais tarde sumo-conselheiro e finalmente membro da presidência da estaca. Sabem, para mim, tem sido motivo de grande satisfação saber que aquele rapaz se tornou novamente ativo e que sua família é ativa. Presentemente, eles têm filhos que também são ativos.

Irmãos, não importa onde estamos ou quem somos, sempre nos devemos lembrar de que lá fora existe um garoto, um rapaz, um homem que não é ativo, mas que deseja sê-lo, se descobrirmos um meio de interessá-lo e fazê-lo saber que realmente o quer.

Nesta noite, gostaria de fazer-lhes este desafio, irmãos — que todo bispo resolva que, dentro das próximas quatro semanas, começará a empenhar-se decididamente a tirar um jovem da inatividade; e cada conselheiro faria o mesmo, e também todo homem que ocupar qualquer posição naquela ala ou estaca. Irmãos, em toda a sua vida não existe coisa mais importante do que a salvação de almas. Temos programas e aulas planejadas para os professores e ainda lhes fornecemos auxílios didáticos e tudo o que é necessário para cuidar dos membros assíduos; mas temo que, com demasiada frequência, esquecemos, negligenciamos e ignoramos aqueles que nem sempre comparecem, satisfazendo-nos em dizer que temos uma frequência de cinquenta ou sessenta por cento.

Não me importo absolutamente com percentagens e estatísticas, mas, sim, com aquele garoto e aquele rapaz que ficam de fora, e hoje à noite apelo a vocês, meus irmãos, a cada um de vocês portadores do Sacerdócio de Deus, e particularmente os que ocupam cargos na Igreja, para que façam o que o Senhor mandou, encontrem a ovelha desgarrada e a tragam de volta ao aprisco, a fim de se alegrarem juntamente com ela, quando estiverem diante do Pai Celestial.

E a vocês, jovens, quero dizer-lhes que não é bom estar perdido, e vocês poderão evitar desgarrar-se, se sempre honrarem o seu Sacerdócio e ajudarem os outros que encontram dificuldades em fazê-lo, para que também possam ser felizes.

Testifico-lhes, meus irmãos, que possuímos o Sacerdócio de Deus. Esta é a sua Igreja e o seu reino. Ele nos impôs a responsabilidade de ensinar e de ajudar a salvar nossos semelhantes. Que possamos fazê-lo de maneira aceitável aos seus olhos, o que nos dará alegria e ajudará a nos prepararmos para a vida eterna, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Homem não Pode Valer-se da Luz Alheia

Henry D. Taylor

Assistente do Conselho dos Doze

Observando os serviços devotados e fiéis prestados por vocês, irmãos e irmãs, ao visitarmos as estacas em toda a Igreja, sentimo-nos impressionados por sua sincera disposição de servir ao Senhor e de auxiliar seus semelhantes.

Esse desejo de servir baseia-se na inabalável convicção de que esta obra em que estão engajados é verdadeiramente do Senhor. Essa convicção é chamada testemunho, uma força dinâmica irresistível que resulta em ações justas e positivas. Quando se observa esse serviço dedicado, conclui-se que o vigor fundamental d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias reside no testemunho individual de seus membros.

Todo membro da Igreja tem o direito de saber que Deus, nosso Pai Celestial vive, que ele não é uma entidade morta. Também lhe é outorgado saber que nosso irmão maior, Jesus Cristo, é o Salvador e Redentor do mundo, a quem coube abrir a porta, para que nós, através de nossos atos pessoais, possamos obter a salvação e exaltação, voltando a novamente viver na presença do Pai Celeste. Tal certeza e testemunho deve ser buscado com o máximo empenho. Em 1856, Heber C. Kimball, conselheiro do Presidente Brigham Young, advertiu os santos de que seriam submetidos a muitas provações para testar sua fé; de que viria o tempo em que nenhum homem ou mulher conseguiriam resistir pela luz alheia. Todos teriam que obter um conhecimento pessoal da verdade e ser guiados pela luz que têm dentro de si.

O Presidente McKay assegurou a certo grupo de jovens que poderiam lograr o conhecimento da verdade e um testemunho do Evangelho, se ainda em sua mocidade aprendessem esta grande lição: "Que a pureza de coração e o sincero desejo de procurar diariamente as diretrizes do Salvador, os levariam a um testemunho da veracidade do Evangelho de Cristo..." Este conselho indica que podemos ganhar testemunhos, vivendo retamente e orando.

Joseph Smith, embora fosse apenas um adolescente, tinha fé e orou ao Pai Celestial em busca da resposta para um problema que o preocupava sinceramente. Foi abençoado com uma aparição pessoal de nosso Pai nos céus e do Senhor Jesus Cristo.

Saulo de Tarso, perseguidor dos discípulos de Jesus, tornou-se Paulo, o apóstolo defensor de Cristo, após a dramática experiência, quando a caminho de Damasco. Apareceu uma luz nos céus e ele ouviu uma voz que dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" E ele respondeu, dizendo: "Quem és, Senhor?" Este replicou: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitar contra os aguilhões." (Atos 9:3-5).

Esses dois incidentes foram manifestações incomuns, porém as impressões advindas do Espírito Santo podem ser igualmente profundas e duradouras. Disse o Presidente Joseph Fielding Smith: "Por isso a visão, até mesmo do Salvador, não marca uma impressão mental tão profundamente, quanto a deixada pelo Espírito Santo no espírito... as impressões espirituais advindas do Espírito Santo são muito mais signi-

ficativas do que uma visão. É quando espírito fala ao espírito, deixando na alma um sinal muito mais difícil de apagar."

Essa verdade é ainda melhor ilustrada pelas experiências das três testemunhas do Livro de Mórmon. Todas as três — Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris — viram o anjo, viram e manusearam as placas de ouro das quais o livro foi traduzido, e ouviram a voz do Senhor declarar que aqueles anais eram verdadeiros. Mais tarde, todos os três, discordando e desavindo-se com os líderes, caíram em descrença e apostasia, mas a impressão do Espírito provou-se tão indelével, que nenhum deles jamais negou seu testemunho que continua impresso em cada exemplar do Livro de Mórmon. O testemunho da voz suave e mansa sussurrando ao mais íntimo de nosso ser vale muito mais que qualquer sinal ou manifestação exterior.

Lorenzo Snow, quinto presidente da Igreja, foi convertido e batizado em 1836, enquanto era um moço residente em Kirtland, Ohio. Ele havia estudado e comparado conscienciosamente a pregação dos missionários com os ensinamentos do Salvador. Convencendo-se da veracidade do Evangelho, fez-se batizar por imersão.

Depois da confirmação, esperava constantemente pela certeza de haver recebido o Espírito Santo. Duas ou três semanas mais tarde, refletiu que ainda não havia recebido um testemunho da verdade. Sentindo-se apreensivo, largou os livros, saiu de casa e pôs-se a caminhar pelos campos. Parecia estar envolvido por um espírito sombrio e uma indescritível nuvem de trevas. Ao caior do dia, costumava retirar-se para o abrigo de um bosque próximo, a fim de orar em segredo. Naquela noite, porém, não sentiu nenhuma vontade de fazê-lo. O espírito de oração o havia abandonado; os céus pareciam-lhe uma abóbada de metal sobre sua cabeça. Mas, decidido a não abandonar seu hábito vespertino, dirigiu-se ao lugar de costume e ajoelhou-se em solene oração. "Mal acabara de descerrar os lábios na tentativa de orar," recordou o Presidente Snow, "ouvi um som bem acima da minha cabeça, semelhante ao farfalhar de roupas de seda, e imediatamente desceu sobre mim o Espírito de Deus, envolvendo toda minha pessoa, tomando conta de mim desde o topo da cabeça à sola dos pés, e oh, que felicidade e alegria senti! Não há palavras que descrevam a transição quase que instantânea da densa nuvem de trevas espiritual e mental, para a refulgência de luz e conhecimento... Então, obtive um perfeito conhecimento de que Deus vive, de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e da restauração do santo Sacerdócio e da plenitude do Evangelho. Foi um batismo completo — uma imersão tangível no princípio ou elemento celestial, o Espírito Santo; foi mesmo mais real e físico em seus efeitos sobre cada uma das partes de meu ser do que a imersão na água." (Eliza R. Snow, **Biography and Family Record of Lorenzo Snow,** p. 8).

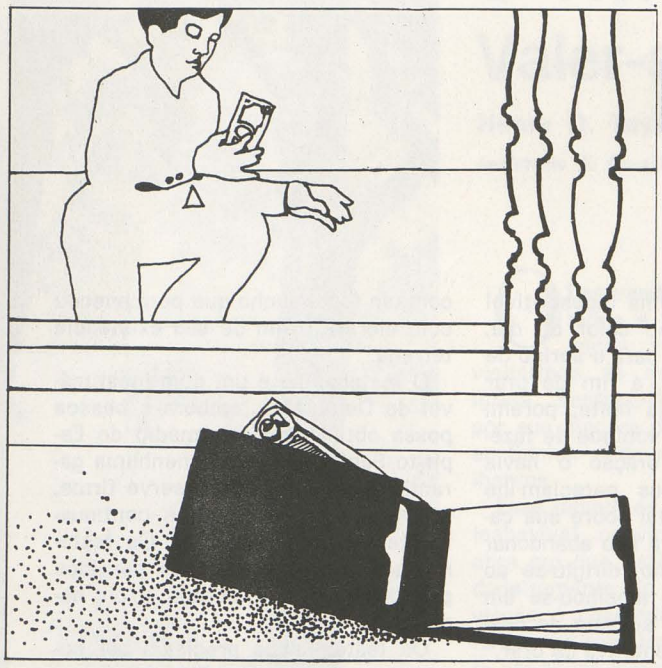
Dessa maneira, o Irmão Snow recebeu uma certeza confortadora quando o Espírito do Senhor caiu sobre ele, e o Espírito Santo o abençoou com um testemunho que permaneceu com ele até o fim de sua existência terrena.

O testemunho é um dom inestimável de Deus. Mas, embora a pessoa possa obtê-lo por intermédio do Espírito Santo, não existe nenhuma garantia de que ele se conserve firme, a não ser que se esforce continuamente para mantê-lo vivo. Os testemunhos ganhos podem ser perdidos por descuido, indiferença e/ou negligência.

Os testemunhos precisam ser nutridos e alimentados. Eis um conselho sábio do Presidente Lee: "Se não lermos diariamente as Escrituras, nossos testemunhos se enfraquecem, nossa espiritualidade deixa de se aprofundar." (Seminário para os representantes regionais dos Doze, 12 de dezembro de 1970).

Enquanto ensinava no templo, o Salvador foi erguído pelos mestres judeus quanto à origem de sua doutrina que lhes parecia assombrosa. De onde vinha sua sabedoria? perguntavam. Jesus respondeu às suas perguntas ansiosas, dizendo: "... A minha doutrina não é minha mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo."

A resposta do Senhor foi direta e aplica-se a nós, exatamente como àquelas pessoas a quem falou. Se fizermos a vontade de nosso Pai e guardarmos seus mandamentos, o Espírito Santo nos manifestará a verdade — não há nada mais simples. Que este possa ser nosso quinhão, eu oro em nome do Senhor Jesus Cristo, Amém.



HONESTIDADE E

Delbert L. Stapley

Do Conselho dos Doze

Diz a primeira parte da décima terceira Regra de Fé: "Cremos em ser honestos." Honestidade abrange muitos sentidos, como retidão, franqueza, conformidade com as coisas verdadeiras, justiça, hombridade, virtude, pureza de vida, caráter moral e integridade nos negócios.

Esses princípios são virtudes requeridas aos verdadeiros santos dos últimos dias.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui os mais altos ideais, princípios e padrões conhecidos do homem. Não há nada na Igreja, em seus ensinamentos ou no que representa de que nos precisemos envergonhar. A Igreja exerce uma imensurável influência para o bem na vida de homens e mulheres de toda parte.

Robert Burns[1] afirmou: "O homem honesto é a mais nobre obra de Deus." Hoje em dia, estando a honestidade e integridade em maré baixa entre os homens de elevadas posições e tornando-se virtudes perdidas, algum grupo precisa ensinar, praticar e entronizar diligentemente esses princípios como qualidades cardinais no caráter humano. Torna-se mais e mais importante que haja completa integridade moral dos homens que dirigem nossos destinos, para que as liberdades deste país não sejam sacrificadas. Os relatos de desonestidade, suborno e corrupção nos círculos governamentais, comerciais, profissionais e financeiros de vários países solapam sua posição e força como líderes no mundo.

É preciso que admitamos com toda a humildade e sinceridade a existência de um poder maior que nós do qual procede um código moral positivo, que dá sentido e propósito à nossa vida. Também temos que lembrar-nos de uma vez por todas de que tal honestidade, respeito e honra não precisam ser apregoados. São ingredientes que vocês, eu e todos deveriamos incluir na vida cotidiana.

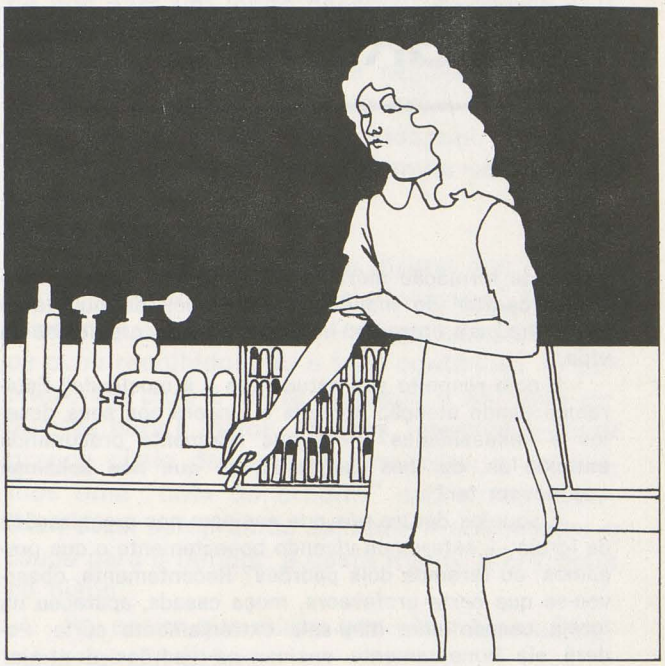
Disse Carlyle[2]: "Torne-se um homem honesto e então poderá ter a certeza de que existe um patife a menos no mundo." Poderá haver alguém verdadeiramente honesto sem ser um homem bom, ou poderá existir homem bom sem ser honesto? Parece que a honestidade precisa começar pelo próprio eu; do contrário, não poderíamos reconhecer essa qualidade nos outros. Enxergamos as coisas não como se apresentam, mas como **nós** somos. A responsabilidade de cada um de nós é sermos nós próprios honestos — honestos nos negócios e relações, honestos como membros da Igreja, honestos em cumprir os mandamentos de Deus.

Disseram dos filhos do Rei Mosíah: "... eles eram homens que amavam a verdade e a sobriedade, pois haviam aprendido a guardar os mandamentos de Deus e a andar retamente perante ele." (Alma 53:21).

A honestidade e a integridade como virtudes aperfeiçoadas nos pais tornam-se mais facilmente a herança e ricos dons de seus filhos. Nenhum pai pode dar aos filhos algo que não possui. Todos esses sublimes ideais e princípios que são parte dos ensinamentos do Evangelho, juntamente com todas as virtudes que contribuem para o bom caráter e a vida nobre, devem ser aperfeiçoados em cada um de nós. Nesse processo de aperfeiçoamento, tornam-se parte de nossa natureza e poderão assim, quando chegarmos à paternidade, ser transmitidos aos filhos. Em Provérbios, encontramos: "O justo anda na sua sinceridade; bem-aventurados serão os seus filhos depois dele." (Prov. 20:7). Quão certa e fundamental é esta afirmativa!

E INTEGRIDADE

Ser honesto consigo mesmo, com os outros e com Deus é uma necessidade absoluta.



Como pais, estaremos sendo honestos com nossos filhos? Eles nos ouvem dizer mentirinhas inofensivas para nos furtarmos a certas responsabilidades? Será justo culpá-los, se seguirem o exemplo errado de seus pais? Em Doutrina e Convênios, encontramos a obrigação dos pais: "E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:28).

A fim de que os filhos aprendam a andar em retidão, os pais precisam dar o exemplo. Maridos e mulheres, vocês são fiéis e sinceros para com seu cônjuge? Estão levando uma vida moral sadia e pura? Não podemos dar-nos ao luxo de sustentar a iniquidade. Fazê-lo seria perigoso para a nossa salvação eterna e a de nossos filhos. Temos que andar retamente perante o Senhor e sermos escrupulosamente honestos, sendo assim abençoados com um elevado senso moral e ético que governa todos os nossos atos.

George Eliot declarou: "Existe somente um fracasso possível na vida — não ser verdadeiro da melhor forma que se sabe."

Durante a vida inteira, devemos corrigir não apenas os enganos cometidos contra nós, mas também os a nosso favor. Isto pode parecer coisa simples, mas é muito importante na formação do caráter, porque omissões insignificantes levam a erros e práticas insidiosas mais sérias. Quantas vezes ao fazerem compras, receberam troco maior que o devido? Isto acontece com relativa frequência, como também de ocasionalmente receberem troco a menos. A gente nunca perde a oportunidade de reclamar, quando se é prejudicado. A honestidade, para ser verdadeira e perfeita, deve funcionar nos dois sentidos.

Se somos empregados, estaremos sendo honestos com nossos empregados? As regras aplicam-se a todos ou haverá exceções, e estas são sempre em favor dos mesmos poucos?

Se somos empregados, estaremos dando um dia de trabalho honesto? Acaso fazemos "cera" na hora do lanche ou desperdiçamos tempo andando desnecessariamente de lá para cá? Ao lidar com nossos semelhantes, damos mais que o esperado, ou tentamos arranjar um jeito de fazer o mínimo possível?

E nos negócios? Costumamos "carregar" um pouquinho nas contas, para conseguir um lucro extra a que não temos direito, achando que ninguém irá notar? Embora uma pessoa possa aparentemente sair-se bem com tais táticas, certamente ela tem conhecimento da própria desosnestidade como também o sabem aqueles a quem enganou. Enganar também é desonestidade; prejudica tanto o indivíduo como as pessoas em torno dele.

E vocês, professores, são honestos ao darem notas? Vocês as marcam segundo o merecimento do aluno ou permitem interferências pessoais? O malabarismo de pontos ou desrespeito de regras e regulamentos para conseguir a vitória de um time também é ato desonesto que se deve evitar. Quando ganhar se torna mais importante que os valores morais e espirituais pretendidos por tais atividades competitivas, então existe alguma falha na liderança. Não devemos procurar justificação, fazendo alguma coisa que a lei ou regulamento deixou de prever. As leis e regulamentos não tornam as pessoas honestas. As práticas erradas induzem a juventude a ser desonesta. São as práticas aparentemente insignificantes que conduzem aos hábitos mais graves de desonestidade, indignidade e carência

HONESTIDADE E INTEGRIDADE

de sólida formação moral. Temos que inculcar no coração e caráter do indivíduo as virtudes de que tanto necessita para enfrentar honrosamente os problemas da vida.

E com respeito aos estudantes e à mocidade? Estaremos dando atenção honesta e sincera aos seus desejos e necessidades? Será que realmente procuramos entendê-los, ou lhes damos aquilo que **nós achamos** que devem ter?

E aqueles dentre nós que ensinam nas organizações da Igreja — estaremos vivendo honestamente o que pregamos, ou teremos dois padrões? Recentemente, observou-se que certa professora, moça casada, apareceu na Igreja usando uma mini-saia extremamente curta. Poderá ela honestamente ensinar os padrões do trajar da Igreja, enquanto ela própria não os cumpre? Shakespeare soube expressá-lo tão bem: "Acima de tudo o mais, sê honesto contigo próprio, infalivelmente como a noite segue o dia, não poderás ser falso para com ninguém." **(Hamlet,** ato 1, cena 3).

Nosso propósito na vida deve exemplificar honestidade e sinceridade. Sempre devemos ater-nos a nossos compromissos e estar dispostos a pagar por nossos erros. A honestidade e integridade criam confiança, amizades e asseguram a boa vontade e o apoio alheio que tantas vezes pagam excelentes dividendos. Quando uma pessoa vê a honestidade e integridade de outra, sente-se disposta a auxiliar e colaborar com um indivíduo tão sincero e digno de confiança.

Há muitos anos, certo pai deu uma lição de honestidade ao filho. Este, quando ainda um garotinho, foi até a loja pertencente ao pai e mais dois sócios, e desejando possuir um canivete, simplesmente o tirou da prateleira. Quando o pai soube do caso, levou o menino de volta até a prateleira e fê-lo devolver o objeto. Depois, explicou-lhe que tinha dois sócios no negócio e que duas terças partes do canivete pertenciam a eles. Como filho seu, ele não tinha o direito de tirar qualquer coisa do negócio, pois não era dele somente. Aquele pai era honesto e justo em seus negócios; era um homem íntegro. Quando fazia um acordo ou transação, cumpria-os, a despeito do que lhe pudesse custar. Tinha excelente reputação entre o povo e considerava esse atributo muito mais importante que dinheiro.

Podem-se ignorar muitos pecados, mas a desonestidade é um dos mais difíceis de perdoar. Temos compreensão com as fraquezas humanas e mostramo-nos tolerantes em nossas relações com os homens, porém não há nada que nos irrite mais ou destrua a confiança do que lidar com um indivíduo desonesto.

George Washington deu grande ênfase à honestidade, quando disse: "Espero ter sempre suficiente firmeza e virtude para manter o que considero o mais invejável de todos os títulos, o caráter de homem honesto."

Como se poderia mencionar a honestidade, sem relacioná-la àquele acontecimento que ocasionou a crucificação do Salvador? Quando Jesus foi levado a Pilatos, a fim de ser julgado pelos escribas e principais dos sacerdotes, Pilatos não conseguiu encontrar culpa no Salvador, mas mostrou-se disposto a satisfazer aos que exigiam sua vida, preferindo o prestígio à honestidade e integridade e por isso, curvou-se às exigências deles.

Meus irmãos e irmãs, pertencemos à verdadeira Igreja de Cristo. Ser membro desta congregação é um glorioso privilégio, oportunidade e bênção. Nós, mais do que qualquer outro povo, temos que nos mostrar firmes na defesa das revelações dadas pelo Senhor para a orientação de seus filhos. Sejamos fiéis aos princípios, ideais, padrões e convênios em todos os nossos atos e relações. Sejamos honestos e verídicos. Sejamos sinceros e íntegros, e pratiquemos verdadeiramente o que ensinamos.

Sim, "cremos em ser honestos". Cremos também em "ser verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens".

Estou fortemente convicto, meus irmãos e irmãs, das verdades do Evangelho de Cristo. Sei que foram dadas para nossa orientação, benefício, bênção e a salvação do homem.

Presto-lhes meu testemunho dessas coisas. Sei que temos que ser semelhantes a Cristo em todas as relações com nossos semelhantes. Se assim fizermos, seremos um exemplo e verdadeiros servos de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Isto oro humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém.

1 Robert Burns — Poeta escocês, 1759-1796.
2 Thomas Carlyle — Ensaísta e historiador escocês, 1795-1881.

De Um Amigo para Outro

Spencer W. Kimball



Com meus cinco ou seis anos de idade, já tinha uma porção de tarefas a cumprir. Uma das mais importantes era diariamente juntar os ovos ao entardecer.

Vivíamos numa pequena fazenda na orla sul de Thatcher, Arizona. A casa ficava no canto, tendo campo aberto ao sul e leste. Atrás dela, estava o poço, a bomba, o moinho de vento, um grande tanque de madeira para armazenar água, o rancho de ferramentas e um pouco mais afastado, um imenso monte de lenha.

Depois, seguiam-se os currais dos porcos e do gado, montes de feno e o celeiro. Todos esses eram lugares ideais para as galinhas esconderem seus ovos, e assim não era pequena a tarefa para o garotinho descobrir os ninhos. Com a experiência, tornei-me um bom espião. Todas as tardes, ao pôr do sol, pegava o balde bastante grande e explorava minuciosamente a área à cata de ovos, que depois levava para casa.

Certo dia, mamãe levou os três menores de nós para um longo passeio. Andamos pela estrada poeirenta até a casa do bispo, Fannie no carrinho de bebê, Alice segurando-se nele e eu carregando o balde de ovos.

Durante a caminhada, indaguei:

— Mamãe, por que levamos estes ovos ao bispo?

Ela respondeu:

— Porque estes são o dízimo dos ovos, e o bispo o recebe pelo Pai Celestial. Não se lembra que todas as tardes, quando você traz os ovos recolhidos, eu o faço contá-los? O primeiro vai para a cesta pequena e os nove seguintes para a maior. Depois, levamos a cesta grande cheia de ovos ao armazém, e recebemos uma "nota de crédito" sobre seu valor. Com esta, compramos sapatos, mantimentos e roupa para a família; a cesta menor é entregue ao bispo.

Foi assim que minha querida mãe ensinou-me a lei do dízimo.

A oeste de nossa casa, ficava a horta; eu ia montado no cavalo, enquanto papai arava a terra. Parte da horta era cultivada com batatas que produziam abundantemente no solo virgem e fértil. Um dia, papai disse a mim e Alice:

— Há muito mais batatas do que poderemos usar. Se quiserem vender algumas, poderão fazê-lo.

Consequentemente, eu desenterrei as batatas com o forcado, enquanto Alice removia a terra delas. Colocando-as numa caixa sobre meu carrinho vermelho, as levamos até o Hotel Brinkerhoff.



A Irmã Brinkerhoff era pessoa muito agradável, mas mesmo assim, ficamos um tanto amedrontados ao procurar vender-lhe as batatas pela



primeira vez. Ela prontamente comprou o suprimento inteiro. Creio que recebemos dois dólores pela caixa de batatas. Ao mostrarmos esse dinheiro a papai, ele perguntou:

— O que pretendem fazer com ele?

Explicamos que iríamos dividi-lo antes de comprar sorvete, pipoca e doces. Então, indagou:

— E o dízimo de vocês?

Havíamos ganho tão pouco dinheiro até aí, que já nos esquecêramos da lição dos ovos, mas ele nos explicou novamente. Mais tarde, atravessamos a horta e passando por um buraco na cerca, fomos levar os dez centavos de cada um ao bispo, que nos deu um recibo de dízimo.

Tínhamos também um pomar com toda espécie de árvores frutíferas, que contribuíam em muito para nossa subsistência, mas também significavam trabalho duro para garotos ainda pequenos. Os pêssegos eram grandes e suculentos, e quando mamãe havia enchido a despensa com vidros de conserva para o inverno, papai decidiu que poderíamos vender alguns. Eu tinha uns doze anos, e Alice dez. Novamente pusemo-nos a trabalhar.

Eu subia nas árvores, colhendo os pêssegos maiores e mais coloridos; Alice os acondicionava nas caixas. Empilhamo-nas cuidadosamente na charrete, guiando-a à longa distância de quase nove quilômetros até Pima, onde muitas das boas senhoras as compraram frutas e logo pudemos voltar para casa. Ao contar o punhado de diversas moedas, vimos que tínhamos ganho cinco dólares. Como o Natal estava à portas, pusemo-nos a tagarelar excitados sobre os presentes para a família numerosa.



Ao chegarmos em casa, colocamos o dinheiro sobre a mesa, radiantes de contentamento. Papai então indagou:

— Vocês já calcularam e separaram o dízimo?

Com isso, naturalmente, tivemos que reduzir um pouco os planejados presentes de Natal. Logo que a égua suarenta estava novamente no pasto, a charrete no telheiro e as caixas guardadas, lá fomos nós outra vez até a casa do bispo, passando pela horta e o buraco da cerca.

Quando estava no curso colegial, tornou-se necessário que ganhasse meu próprio sustento. Acho que tinha então uns dezesseis anos; fui a Globe, Arizona, importante centro mineiro, onde arranjei trabalho como ordenhador numa leiteria. Naqueles tempos, as vacas eram ordenhadas manualmente, e eu tinha que tirar o leite de dezoito a vinte e oito vacas duas vezes ao dia, separar o creme, engarrafar o leite, lavar os latões e frascos, alimentar os animais e limpar o estábulo. Por tudo isso, eu ganhava quarenta e sete dólares e cinquenta centavos por mês, além da comida e uma tarimba no barracão.

Eu estava então por conta própria, não havia ninguém para fiscalizar-me. Quando recebi meu primeiro salário, perguntei a mim mesmo: "Será que pago ou não pago meu dízimo?" Depositei o salário no banco de minha cidade, recebendo em troca um recibo e o talão de cheques. Numerei os cheques do talão e emiti o primeiro em nome do bispo.

O Senhor prometeu que, se os rapazes e meninas e seus pais forem fiéis no pagamento do dízimo, derramará bênçãos em profusão sobre eles. E eu sei que ele cumpre o que promete.



Aqueles Sapatos Especiais

Ilustrado por Dale Kilbourn



Os sapatos de John precisavam de conserto. Ele gastara as solas subindo e descendo a correr a **Steensbakken** (Colina Steens); onde morava com sua mãe, Anna Widtsoe, e seu irmãozinho de dois anos, Osborne. Depois da morte do pai, quando Osborne tinha apenas dois meses, a família mudara-se de Froya, a ilha mais afastada da costa norueguesa para o continente. Viviam num pequeno apartamento em Trondheim, conhecida como a Cidade Catedral. Os dois garotinhos e sua mãe muitas vezes ficavam olhando a antiga capital, e mais além, o porto e o **fjord** que serpeava em direção ao oceano.

Quando John mostrou à mãe os seus sapatos rotos, ela pediu a um vizinho que lhe recomendasse alguém para remendá-los. O vizinho respondeu que conhecia a pessoa indicada, e pouco depois, um rapaz bateu à porta. Era o filho do sapateiro que buscava e entregava os sapatos para o pai. Dias depois, veio devolver os sapatos de John, caprichosamente consertados. Havia um pequeno e estranho panfleto metido em cada um dos pares.

Aqueles Sapatos Especiais

O pai de John havia sido um mestre-escola. Pouco antes de sua morte, tinha ensinado seu filho a ler, mas no panfleto apareciam tantas palavras desconhecidas, que o garoto não conseguiu entender o que estava escrito.

No dia seguinte, sua mãe embrulhou outro par de sapatos que precisavam de conserto, meteu-os debaixo do braço e pôs-se a caminho da oficina do sapateiro que ficava à meia hora de distância. Quando voltou, parecia mais calada que de costume, e nos dias seguintes, estava pensativa e inquieta.

Quando o filho do sapateiro entregou o segundo par de sapatos, havia novos panfletos metidos dentro deles. John notou que sua mãe passou muitas horas estudando cuidadosamente o que diziam. No domingo seguinte, arranjou alguém para ficar com os meninos, enquanto ia a uma reunião na sólida casa de madeira do sapateiro.

Foi somente alguns anos mais tarde que ela contou a John o que dissera o sapateiro, quando ela foi pela primeira vez à oficina dele, para perguntar por que metera aqueles panfletos nos sapatos de John.

— Talvez a senhora se surpreenda, — respondeu-lhe, — se eu lhe disser que posso dar-lhe algo muito mais valioso do que colocar solas novas nos sapatos de seus filhos.

Os tais panfletos eram folhetos missionários mórmons. Por causa deles, John, sua mãe e o irmão tornaram-se membros d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nenhum de seus parentes ou amigos aprovou este passo; todos se mostraram inamistosos dali por diante com Anna e os garotos.

Dois anos depois, a família Widtsoe deixou Oslo, Noruega, com vinte outros santos, para iniciar a longa viagem para a América do Norte. John, então com onze anos de idade, escreveu um diário de sua travessia do Mar do Norte, a fumacenta jornada atravessando a Inglaterra, os três dias de visita aos pontos turísticos de Liverpool, a viagem pelo Atlântico e as intermináveis horas rodando pela estrada de ferro de Nova York até Logan, Utah, onde se estabeleceram. Ali John aceitou os mais diversos empregos para ajudar no sustento da família. A mãe fazia costuras e qualquer outro trabalho que pudesse arranjar, a fim de saldar as despesas correntes e economizar para a educação dos filhos.

Em 1921, John foi chamado para o ofício de apóstolo, tendo apenas quarenta e nove anos de idade. Naquela época, ele era presidente da Universidade de Utah e já ocupara o mesmo cargo na Universidade Estadual de Utah, em Logan. Ele dizia frequentemente que, desde a infância, seu objetivo era a educação. John A. Widtsoe sempre será lembrado como um dos grandes homens da Igreja. Em uma de suas obras, **In a Sunlit Land,** escreveu:

"Havia um verdadeiro gosto pelo estudo em minha alma... O amor pela leitura me acompanha desde a infância. Largar a rotina diária para conversar com grandes intelectos sempre foi um deleite... Olho quase que com inveja para a juventude a quem novas portas de conhecimento estão sendo abertas."

O sapateiro do Trondheim, na Noruega, que consertou os sapatos de John, realmente deu à sua mãe e aos seus filhos algo de muito maior valor que solas novas para sapatos rotos. Foi também o instrumento que deu à Igreja um grande escritor, educador, líder e amigo!


Cristina da Noruega

O Prêmio

Olive W. Burt

Era um radioso sábado de início de outono. Logo chegaria o inverno no qual, durante semanas e semanas, haveria pouca luz do sol. O ar repercutia com os risos e alarido de crianças brincando ao sol que banhava Oslo com sua luz clara e fria.

Martin Ruud não tomava parte nos folguedos infantis. Continuava sentado inerte, queixo apoiado nas mãos, fitando as chamas vivas que pulavam e dançavam na grande lareira. O fogo conseguia alegrar a sala inteira, mas mostrava-se impotente para desfazer a expressão tristonha da face de Martin.

Sonja, sua irmã, desceu as escadas, cantando a velha canção norueguesa "Per Fiddler só tem uma única vaca".

Vendo o irmão sentado ali com o olhar tão taciturno, disse-lhe:

— Venha, Martin, vamos aproveitar o sol enquanto podemos. Logo anoitecerá tão cedo. Vamos, não fique sentado por aí, como se tivesse perdido seu melhor amigo!

— É quase isto, — respondeu o menino. Depois, aprumando-se, encarou a irmã. — Não, não perdi um amigo, mas em compensação, meu melhor amigo me fez uma grande ursada! Acabo de voltar da casa dele, e sabe o que descobri, Sonja? O mapa em relevo de Anton saiu muito melhor que o meu. Agora é ele que vai ganhar o prêmio, aquele par de esquis que eu tanto queria!

— Ora, Martin, — replicou Sonja impaciente, — alegre-se com ele. De qualquer modo, como é que você pode saber? Seu mapa é tão bonito! Como você poderá saber o que os juízes irão decidir?

— Pois eu sei, — insistiu o irmão com teimosia. — Seu eu fosse o juiz, daria o prêmio a Anton. O seu mapa é muito melhor. É absolutamente perfeito!





Martin foi para o seu quarto e pôs-se a estudar o mapa que lhe dera tanto trabalho. Era uma obra caprichada. Ele havia desenhado cuidadosamente os contornos de seu país — desde Kirkenes no nordeste, onde a Noruega se curva em torno da Finlândia, até Stavanger na costa sudoeste, depois subindo a Oslo e seguindo as fronteiras entre a Noruega e a Suécia. As montanhas, ele moldara com uma massa de farinha e água, colorindo-as de verde, pois o mapa deveria representar a Noruega na época do verão. A neve que recobria a gélida região setentrional, pintara em tons de cinza e branco.

Não fora possível mostrar todos os inúmeros fiordes, mas incluíra pelo menos os principais — como o de Hardanger, Sogne e outros — e pintara as águas desses golfos profundos e sinuosos de um rico azul. Minúsculos pontos coloridos representavam as flores silvestres que atapetam alegremente as encostas mais baixas durante o estio, quando o sol nunca se põe totalmente durante seis semanas longas e radiosas.

Agora, examinando sua obra, viu algumas falhas que poderia ainda corrigir. Mas, mesmo assim, seu mapa não chegaria aos pés do trabalho de seu amigo, Anton Nissen. Seja como for, Anton havia pensado em muitos toques extras, como colocar pequeninos barcos viquingues entre os escuros desfiladeiros de um fiorde. Conseguira ainda representar as principais cidades — Oslo, Bergen, Trondheim e Stavanger — de maneira tão inteligente, que qualquer pessoa poderia facilmente identificá-las.

Na segunda-feira, Martin colocou seu mapa num carrinho de mão e o levou para a escola. Sua obra foi exposta ao lado dos mapas feitos pelos outros alunos. Grupos de ra-

O Prêmio

pazes, meninas e professores apinhavam-se em redor das mesas, examinando os trabalhos. Martin pôde comprovar que o seu e o de Anton eram os melhores.

"Mas o de Anton é o melhor de todos", dizia de si para si, tristemente. "O prêmio será dele".

Na tarde de sexta-feira, a sala mostrava-se repleta de crianças e pais que tinham vindo aplaudir os vencedores.

Martin sentia vontade de fugir, de esconder-se, mas não havia meio de escapar. Tinha que ficar sentado ali, ouvindo a srt.ª Svendsen falar sobre o concurso e o que este significava para os alunos.

— Entre todos os belos trabalhos apresentados, — disse com orgulho, — destacam-se dois nitidamente superiores. O mapa de Martin Ruud é excelente e merece os maiores elogios. Entretanto, temos somente um prêmio, e os juízes concederam-no ao belo trabalho apresentado por Anton Nissen!

Martin não teve outro jeito senão associar-se aos aplausos, quando Anton se levantou perante a audiência, com as faces radiantes de felicidade e os olhos azuis brilhando de alegria. Ele agradeceu aos juízes, à srt.ª Svendsen e aos pais, recebendo depois o merecido prêmio das mãos da professora, trêmulo de emoção.

Quando Martin chegou ao saguão, encontrou Sonja esperando por ele.

— Pelo menos você ficou em segundo, — disse ela. — Deveria estar orgulhoso.

— O que me importa o segundo lugar? Para mim, poderia ser também o último. Preferia até não ter concorrido!

— Por que fala assim? — indagou um homem perto deles. — Sabe, diz-nos um velho provérbio nórdino que nada pode ser cortado em fatias tão finas que tenham um só lado! Esta foi uma oportunidade para você experimentar suas asas — fazer algo que, de outra forma, não teria tentado. Pense em quanto aprendeu sobre sua pátria e na satisfação de fazer um excelente trabalho — premiado ou não, que importa?

Martin sentiu-se corar. Afinal, quem era aquele homem? O estranho pareceu adivinhar os pensamentos do garoto.

— Eu sou Harald Larsen, — explicou. — Fiz parte do corpo de juízes. Vim até aqui para dizer-lhe o quanto admirei seu trabalho. Tenho uma loja perto da Porta Karl Johan e gostaria de expor seu mapa na vitrina. Ali poderá ser visto durante vários dias por muita gente — pessoas que não mais frequentam a escola e talvez já se tenham esquecido das belezas do nosso país. Será que você o emprestaria por uns tempos?

Os olhos de Sonja brilhavam. Martin a olhava e ao homem de elevada estatura.

— Ora, naturalmente, se o senhor estiver falando a sério.

— Certamente que estou. E quero congratular-me com você pelo belo trabalho que fez.

Depois que o homem partiu, Martin disse à irmã:

— Bem, suponho que, afinal, meu trabalho não foi de todo em vão! Se o mapa for exposto na vitrina...

— Puxa, Martin! Você não compreende? Seu mapa fará mais bem aqui na cidade do que na escola! Como disse o sr. Larsen, as pessoas que já esqueceram o aprendido na escola, irão vê-lo e lembrar-se. Acho que é maravilhoso!

Martin aprumou os ombros, ergueu o queixo. Ora, ainda que não tivesse ganho aquele par de esquis, ganhara outra coisa — orgulho e satisfação por ter dado o melhor de si.



Elias, o Mar Vermelho e Você

Bispo John H. Vandenberg

Existem na vida muitos caminhos marginais tão sedutoramente apregoados hoje em dia, que a mocidade, particularmente os portadores do Sacerdócio de Deus, têm que comprometer-se totalmente para com as metas eternas, se não quiserem ser induzidos em erro. À medida que aumenta a complexidade da vida, a tentação de seguir cegamente os caminhos trilhados por outros tornar-se-á cada vez maior.

Estamos fadados a continuar ouvindo uma porção de filosofias e novos movimentos louvaminhas de todos os tipos diabólicos de esquemas sociais e políticos. Tais movimentos são frequentemente defendidos em nome da liberdade acadêmica ou como promoção de objetivos meritórios, tal como a erradicação da miséria ou igualdade de justiça e oportunidades.

Antes de nos interessarmos por um desses movimentos ou dar-lhe nosso apoio, examinemo-lo cuidadosamente. Perguntemos a nós próprios: Quem, na verdade, patrocina o movimento? Qual será o resultado final dessa filosofia? Ela promove ou reprime a liberdade individual? Como se situa face às verdades reveladas do Evangelho? Utilizemos sem-

Elias, O Mar Vermelho e Você

pre o Evangelho como sistema de medida para nossas decisões.

Arcamos com a responsabilidade de liderança, de sermos a luz-guia para o resto do mundo. No passado, as nações buscavam orientação junto a homens espiritualmente sábios e estáveis. Hoje em dia, em face de tão rápidas mudanças, nossa sociedade necessita desesperadamente de líderes que possam julgar do ponto de vista eterno. Nosso entendimento do Evangelho e compromisso com ele, colocam-nos peculiarmente nessa posição de liderança.

Somos considerados um povo peculiar por causa da Palavra de Sabedoria, do plano de bem-estar e o extenso programa para a juventude. Somos peculiares pela crença em um Deus pessoal que é o mesmo ontem, hoje e sempre, um Deus que atualmente fala a seus profetas como o fazia em tempos de antanho.

Jesus é a autoridade sobre a vida. Quer que todos os moços saibam como as coisas são realmente, como chegaram a ser como agora, como serão no futuro. Os verdadeiros santos dos últimos dias não são obrigados a se deixarem desencaminhar. Temos a Bíblia, o Livro de Mórmon. Temos os livros de revelações modernas, conhecidos como Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Temos um profeta vivo que recebe revelações de Deus para nos guiar neste mundo em constante transformação. Temos homens dedicados, servindo como bispos e em outros cargos de liderança, homens cuja principal preocupação e responsabilidade é dirigir e aconselhar a juventude.

Não nos envergonhemos do Evangelho. Quero dizer com isto que vocês nunca precisam excusar-se na vida profissional pelos padrões da Igreja. Eu sei, pois passei por isto. Passei vinte anos nos negócios ligados à pecuária, participando de convenções nacionais, convenções profissionais e locais, em que o primeiro item da agenda era um coquetel indicado no programa como "recepção" ou "reunião social". Tais convenções eram realizadas em hotéis ou locais públicos de reuniões, havendo sempre forte pressão para participar de um "gole" em nome do convívio social. Mas a gente é obrigada a ceder; e eu testifico que, quando resistimos a essas pressões, as pessoas nos admiram pela força de vivermos segundo nossos princípios. Vocês sabem e eu sei que não precisamos desses estimulantes, e poderão recusá-los como eu costumava fazer. E as pessoas lhes dirão, como disseram a mim: "Eu o respeito por isso e gostaria de poder fazer o mesmo".

Sei que é importante viver à altura do que cremos, e sei também o que significa para os outros, quando podemos afirmar-lhes que somos dignos de confiança. Em última análise, não há na vida fator mais vital do que a percepção de que somos nossos próprios criadores, no sentido de que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará". (Gal. 6:7). Este princípio é comumente referido como a lei da ceifa.

Bernard Baruch[1] expressou-o assim: "A única liberdade atingível pelo homem é a liberdade de disciplinar-se a si próprio. É por isto que estamos combatendo, para preservar o direito à autodisciplina, em lugar de sofrermos a imposição da disciplina de escravidão e tirania pelo inimigo conquistador".

O inimigo conquistador de toda a humanidade é Satanás, que gostaria de escravizar-nos a hábitos vis e prejudiciais, que nos conquistarão inteiramente e, a não ser que sejam vencidos, impedir-nos-ão de cumprir nosso legítimo propósito na vida e na eternidade.

Deus acredita na mocidade de sua igreja. Tem chamado os jovens ao seu ministério, confiando que cumprirão o seu dever e darão bom exemplo às moças com quem convivem. Ele concedeu-nos seu poder na terra — o mesmo poder pelo qual esta terra e outros mundos foram criados, o mesmo poder que separou as águas do Mar Vermelho; o mesmo poder com que Elias selou os céus, para que não houvesse mais chuvas; o mesmo poder pelo qual Jesus restituiu a visão ao cego, o andar ao coxo e vida nova ao morto.

Os jovens da Igreja que possuem esse poder, deveriam preparar-se para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo entre as nações da terra. Preparar-se para ser missionários entre seus amigos e conhecidos pelo exemplo. Jesus disse: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos". (João 8:31).

O Sacerdócio Aarônico é mais que um programa para jovens. Ele é dado aos moços, a fim de prepará-los para coisas maiores no futuro, até mesmo a responsabilidade do Sacerdócio Maior. Significa que o Pai Celestial se interessa pelo progresso deles, e preocupa-se com sua capacidade de guiar seus filhos.

Nenhum rapaz pode receber o Sacerdócio e dele participar diligentemente, sem tornar-se uma pessoa melhor e mais forte. O Sacerdócio desenvolve o caráter, ensina o jovem a ter conceitos e valores apropriados. Magnificando seus deveres sacerdotais, ele experimenta o desafio e crescimento emanados dos princípios eternos. Este desafio sugeriu as palavras inspiradas, dadas ao Profeta Joseph Smith: "Que os direitos do Sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão". (D&C 121:36).

É baseado nos princípios de retidão, vivendo plena e orgulhosamente o Evangelho segundo o conhecemos, que todos os santos dos últimos dias poderão vir a conhecer a Deus e seu plano de vida eterna, e receber a força de fé que nos conduzirá ao **deleite da exaltação celestial.**

1 Bernard Mannes Baruch — Financista, filantropo e funcionário público norte-americano.

Élder Dunn, do Primeiro Conselho dos Setenta, que recentemente deixou a presidência da Missão da Nova Inglaterra, responde aqui a algumas das perguntas mais frequentes feitas por jovens que pensam em fazer missão.



Uma Conversa com o Presidente Paul H. Dunn

Sobre como é Ser um Missionário

P.: O que a pessoa pode fazer, a fim de se preparar para uma missão?

Presidente Dunn: Obter o desejo de servir! O missionário tem que ter o desejo de seguir a admoestação do Salvador de esquecer-se de si mesmo no serviço aos outros. Possuindo esta característica, todo o resto pode ser facilmente acrescido. Ter o desejo de servir e estar na devida disposição de espírito são as mais importantes características de um missionário. Isto, a meu ver, pressupõe que ele tem um testemunho, crê em Deus e no Salvador e acredita que Joseph Smith foi um profeta, pois, ao chegar ao campo de trabalho, o missionário tem que testificar essas coisas. Muitas vezes nossos missionários de maior êxito foram convertidos há somente um ou dois anos. Não penso que para ser um bom missionário, o tempo passado na Igreja seja tão importante como possuir um testemunho ativo e verdadeiro desejo de servir.

P.: Poderão surgir obstáculos no preparo para a missão. Para alguns, pode ser o aspecto financeiro; outros talvez encontrem oposição de casa. O que a pessoa poderia fazer para solucionar tais problemas?

Presidente Dunn: Bem, é evidente que o custo total de uma missão não tem de necessariamente ser proibitivo. Certas missões nas longínquas ilhas do Pacífico custam cerca de sessenta e cinco a setenta dólares por mês, enquanto em outras regiões do mundo, ficam em cento e vinte e cinco a cento e trinta dólares mensais. Sabemos que muitos jovens foram capazes de economizar dos próprios ganhos até metade a três quartos da soma total requerida. Na verdade, os missionários de maior sucesso imediato e mais entusiastas parecem ser aqueles que custeiam sua própria missão, em lugar de depender de outros. Penso ser esta exatamente uma lei básica da vida. Isto é, quem abriu caminho por esforço próprio, está mais interessado em proteger seu investimento. Um missionário não é diferente.

Se o problema for financeiro, e isto pode acontecer, o bispo, o quorum de élderes ou dos setentas frequentemente são uma fonte de ajuda. O custo não é o fator principal, embora assim pareça a muitos que desconhecem os recursos disponíveis.

Quanto à oposição dos pais, cada casal reage diversamente diante dessa questão. Creio que a boa comunicação seja a melhor resposta, em vez de argumentar, exigir ou ameaçar, coisas que nunca funcionam e não são da vontade do Senhor. Na maior parte dos casos, penso eu, resume-se numa questão emocional — ameaças como "Eu vou em frente, não importa o que decidirem" e coisas assim, apenas servem para piorar o problema. A missão é algo que precisa ser decidido individualmente. Amigos e, especialmente, bispos e presidentes de estaca, podem muitas vezes interceder em favor do jovem. Neste ponto, é ideal o auxilio do mestre familiar, até mesmo para lidar com o antagonismo de

um pai ou mãe que não pertençam à Igreja.

Todo presidente de missão acha que depois de um rapaz ou moça cujos pais discordem, partir para a missão, estes frequentemente começam a mudar de idéia. Muitas vezes ocorre uma maior aproximação entre pais e filho ou filha. A missão une a família em lugar de provocar afastamento. Uma de minhas maiores emoções é verificar quantos pais antagonistas ou não-membros ou inativos vêm a ser novamente ativos ou criam interesse pelo Evangelho, porque sentiram a experiência de uma missão! Muitos pais inativos têm-me procurado para agradecer pelo que aconteceu em seu lar; e geralmente, já se prepararam para passar pelo templo. Isto acontece mais vezes do que possam imaginar.



P.: As moças devem fazer missão? Elas são encorajadas pela Igreja e seriam tão eficientes quanto os élderes?

Presidente Dunn: Penso que as missionárias fazem uma grande contribuição. Estou particularmente impressionado depois de haver supervisionado esta missão durante os últimos três anos.

A Igreja não incentiva abertamente a missão de moças como o faz com os rapazes. O casamento é o seu primeiro e primordial chamado, e isto tem sido declarado por diversos presidentes da Igreja. Mas, quando uma jovem deseja cumprir uma missão, fazemos todo o possível para que possa ir. Essa filosofia é o motivo pelo qual os rapazes são chamados aos dezenove e as irmãs aos vinte e um anos de idade.

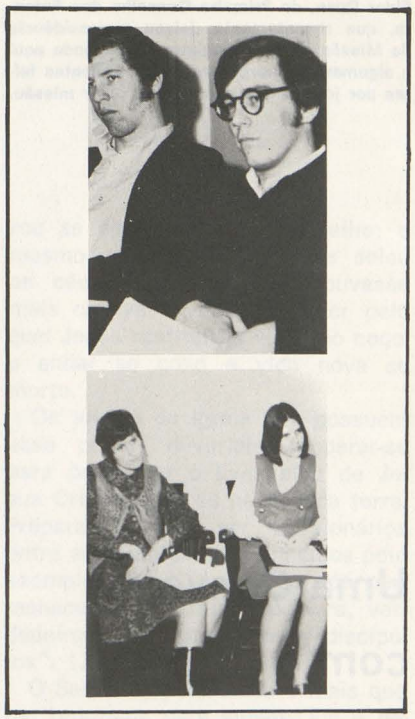
As missionárias são tão eficientes quanto os élderes. Não creio ser possível afirmar que os élderes superam as moças, ou que as irmãs trabalham melhor que os élderes. Há ocasiões em que um é mais efetivo que o outro. Por exemplo, as missionárias muitas vezes conseguem entrar numa casa vedada aos élderes e, de fato, elas são convidadas a entrar com muito maior frequência que estes, quando batem de casa em casa. Talvez as pessoas as considerem de modo um pouco diferente.

As missionárias levam uma ou duas desvantagens; como não são portadoras do Sacerdócio, às vezes têm que depender dos élderes para que realizem parte de seu trabalho.

As missionárias parecem ser mais tolerantes e compreensivas que os élderes. A moça também aparentemente encontra muito menos dificuldade para sentir-se motivada e dedicar mais horas ao serviço do Senhor.

P.: Seria possível descrever-nos o programa cotidiano de um missionário, além de nos explicar por que os missionários devem obedecer a êle tão estritamente?

Presidente Dunn: Todas as missões funcionam segundo um mesmo horário ou programa básico, embora certos detalhes possam variar conforme as condições geográficas e culturais. Na Nova Inglaterra, todos os missionários devem levantar-se às seis horas. Isto representa um bom início do dia, revigorando a mente, o corpo e o espírito; ademais, há uma porção de tarefas a cumprir, tanto espirituais como físicas, antes de estarem prontos para mais um dia de trabalho. Para fazer tudo o que devem, achamos que seis horas é o tempo certo de levantarem. Assim, eles dispõem de uma a uma hora e meia para se arrumar, limpar o apartamento ou quarto, tomar o desjejum e outras atividades normais.



Duas horas, das 7:30 às 9:30, serão empregadas em estudo privado e conjunto. Nós exigimos, como o faz a maior parte das missões, segundo penso, uma hora de estudo em conjunto, durante a qual os companheiros sentam-se à mesa de trabalho e, no caso de missões no exterior, revisam o idioma. Nessa ocasião, também recapitulam as lições, as Escrituras, as apresentações com o flanelógrafo, além de diálogos usuais, quando batem de porta em porta, esperando-se que formem um repertório variado de abordagens, para que não tenham que recorrer sempre às mesmas coisas batidas. Em outras palavras, eles aprendem a ser criativos.

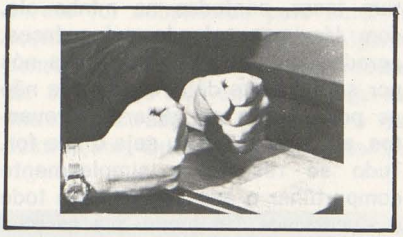
A hora de estudo privado é dedicada às obras-padrão, devotando algum tempo também a outros livros como **Jesus o Cristo, Regras de Fé, Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro,** e eventualmente, algum programa de estudo que se refira a essas obras.

Às 9:30, estão prontos para sair — damos grande ênfase a deixarem o alojamento na hora certa. A pontualidade é muito importante na vida

de um missionário. Ela ajuda a disciplinar-se e ser organizado. As queixas pessoais provêm de missionários cuja vida é desorganizada, e não daqueles que sabem organizar-se. Nas próximas duas horas e meia, os missionários procuram investigadores, batendo de porta em porta, investigam referências ou fazem outros serviços de proselitismo.

Depois do almoço, dedicam-se outra vez à procurar pessoas indicadas, a bater de porta em porta e ao contato com diversos membros, para combinar reuniões em grupo. Os missionários devem estar de volta em casa às 17:00 para o jantar. Damos grande importância, como as outras missões também, a uma alimentação adequada.

Das 18:30 às 21:30, é o período de trabalho mais produtivo, quando se realizam os encontros marcados durante o dia e se ensinam as lições aos investigadores. A Igreja dá muita ênfase à unidade familiar. Como devem saber, tivemos alguns proble-



mas no passado, quando uma mulher queria entrar para a Igreja e o marido não, ou vice-versa. Estamos tentando unir as famílias e não dividi-las, por isso damos grande importância a que a família seja ensinada em conjunto, com o pai presidindo. Temos tido bastante sucesso, ensinando as famílias interessadas no horário noturno.

Às 21:30, normalmente, os missionários devem estar de volta ao alojamento — É natural que haja exceções, como um debate animado que se prolonga além da hora e às 22:30, recolhidos. Está provado que, quando um missionário dorme das 22:30 até às 6:00, sentir-se-á revigorado, ativo e dinâmico. Quando engana a si próprio, dormindo menos ou demais, começa a esmorecer, sentir-se apático e cansado, e muitas vezes apanha o primeiro vírus de gripe ou resfriado que surgir.

Somos um tanto inflexíveis quanto a esses regulamentos, não porque tentamos ser uma cópia do regime militar, mas porque ficou provado que são o melhor meio de preparar os missionários espiritual, física e mentalmente para darem o melhor de si. A Igreja tem cento e quarenta anos de experiência nesse campo, e portanto, não é apenas um método experimental; ele funciona realmente.

P.: O que o senhor quer dizer, então, é que uma missão pode representar os melhores anos de nossa vida até aqui, porém não exatamente os mais fáceis. Correto?

Presidente Dunn: Isso mesmo! A missão não é brincadeira! Deveríamos proclamar isto em altas vo-





zes, diante de cada quorum do Sacerdócio e de cada telhado mórmon do mundo.

Creio que um dos maiores desafios enfrentados pelo missionário é ser tirado de seu meio-ambiente normal — e com isto, quero dizer um ambiente de convivência entre moças e rapazes. Dizemos-lhe que não pode namorar, não pode segurar a mão de moças, não pode beijar, não pode dançar, não pode nadar, não pode gritar, não pode andar de motocicleta, não pode esquiar, não pode patinar — além de muitos outros nãos.

Pois então aqui está, comprometido com um novo modo de vida. É-lhe proibido fazer algumas coisas, para sua própria proteção espiritual, e disto certas pessoas tiram proveito. Tão certo como estou sentado aqui, sei que o adversário utiliza isto como forte argumento. Assim, o missionário enfrenta duas ou três coisas trabalhando contra ele: restrições anormais para sua idade, o adversário que se empenhará mais em tentá-lo nos seus pontos fracos, e o livre-arbítrio limitado com que precisará aprender a viver.

Descobri que quase a totalidade dos problemas que um jovem possa ter em casa — moralidade, linguagem profana ou gíria, roupas, peso, angústia ou um problema emocional — tornar-se-ão mais pronuncia-

dos, quando vem para a missão. Os pontos fracos ficam mais fracos e os pontos fortes tornam-se mais fortes, a não ser que o missionário tome providências para assegurar que sua vida seja realmente regida pela consciência.

Isto tudo é o que devemos ensinar sobre a missão e ajudar o jovem a se preparar, fortalecendo seus pontos fracos. Ainda bem que, na Igreja, gastamos uma porção de tempo aprendendo "como superar". Muitos problemas podem ser solucionados, uma vez que a pessoa consiga descobrir quem ela é. Muita coisa se resolve, quando a gente consegue comunicar-se adequadamente com o Senhor. O missionário consegue muita ajuda, quando descobre que tem um testemunho do Evangelho. É preciso reconhecer que tudo o que foi uma limitação em casa, sê-lo-á também na missão, e reconhecer isto é o primeiro passo para resolver um problema.

P.: O senhor nos poderia dizer alguma coisa acerca do desenvolvimento do atual programa missionário e quaisquer mudanças recentes que tenha observado enquanto preside à missão?

Presidente Dunn: A filosofia em si não mudou desde o início da obra missionária, há 140 anos. O Senhor concedeu-nos a divina ordem formal de levar o Evangelho a todas as nações, tribos, línguas e povos. E é isto que estamos fazendo. Não obstante, ele estabeleceu algumas prioridades, isto é, pregá-lo primeiro à Casa de José e depois aos judeus e outras raças, segundo manda o profeta. O Evangelho é para todos os povos; este é o nosso sistema geral de coordenadas.

Há poucos anos, a Igreja inaugurou o já famoso método de seis lições, que se tem provado muito eficiente em convencer os que poderíamos chamar de "honestos de coração". No passado, foram empregados planos diferentes, variando entre trinta e sessenta lições — alguns chegando a mais de cem. Anos atrás, não era incomum uma família ser ensinada por dois ou três anos, procurando-se integrá-la durante esse tempo, para depois descobrir-se que não eram sinceros. Por isso, achou-se conveniente reformular o ensino, elaborando um método que "peneirasse" as pessoas. Com isto, não quero dizer que o Senhor não se importa com todos, ou que nós não nos importamos; apenas procuramos primeiro os que estão genuinamente interessados em ouvir a palavra do Senhor. E as atuais seis lições conseguiram exatamente isto. Um missionário bem preparado, treinado e sensível ao Espírito, pode distinguir em umas poucas horas de discussão, se uma pessoa realmente deseja conhecer o Evangelho ou apenas procura amizade e companhia.

Agora, por favor, entendam uma coisa: nós não tentamos ensinar o Evangelho com cinco ou seis lições. Isto seria impossível. O Evangelho é um estudo para a vida inteira e não existe ninguém entre nós que o conheça completamente. No entanto, isso não nos impede de sermos ativos santos dos últimos dias. A atividade está em proporção direta com o testemunho, não é? A força da Igreja reside no testemunho individual de seus membros. O que tentamos fazer com as seis lições é muito simples — levar a pessoa que desconhece a Igreja a descobrir por si própria, através da ajuda do Senhor, que Joseph Smith é um profeta — fazê-la ajoelhar-se e **descobrir se Joseph Smith** é realmente um profeta. Caso entender em seu coração, pela convicção íntima proveniente do Senhor, que Joseph Smith é um profeta, todo o resto se ajustará. Depois, poderemos ensiná-la — e nós aprenderemos também — pelo resto da vida, e este é o propósito designado ao Sacerdócio e aos demais programas da Igreja.

P.: Qual foi a mais compensadora experiência durante a sua missão?

Presidente Dunn: Seria muito difícil destacar uma, mas eu diria que observar as dezenas e dezenas de missionários que descobriram tanto a si próprios como ao Senhor foi a minha experiência mais compensadora. Gostaria de agregá-la a uma segunda bênção: ver como esses mesmos missionários conseguem tocar pessoas não-membros com seu conhecimento e testemunho. Poder ouvir as pessoas que eles conseguiram tocar, sentadas na minha ala, com lágrimas rolando pelas faces, agradecerem à Igreja e a todos nós por serem parte dela, é algo que não se pode medir em dólares, proventos, altas posições ou seja o que for. Tudo se resume a simplesmente compartilhar o que se tem com toda a sinceridade, de modo que as pessoas possam descobrir por si mesmas, com a ajuda do Senhor, que aquilo é verdadeiro. E creiam-me, o Evangelho é verdadeiro. Deus realmente vive, e todos nós dentro da Igreja somos, de fato, seus servos de confiança — e disso ninguém precisa duvidar um segundo sequer. Todos nós somos chamados a pregar o Evangelho — diariamente, a vida inteira, por palavra e ação — a fim de levar alegria e paz a todos os que desejarem.

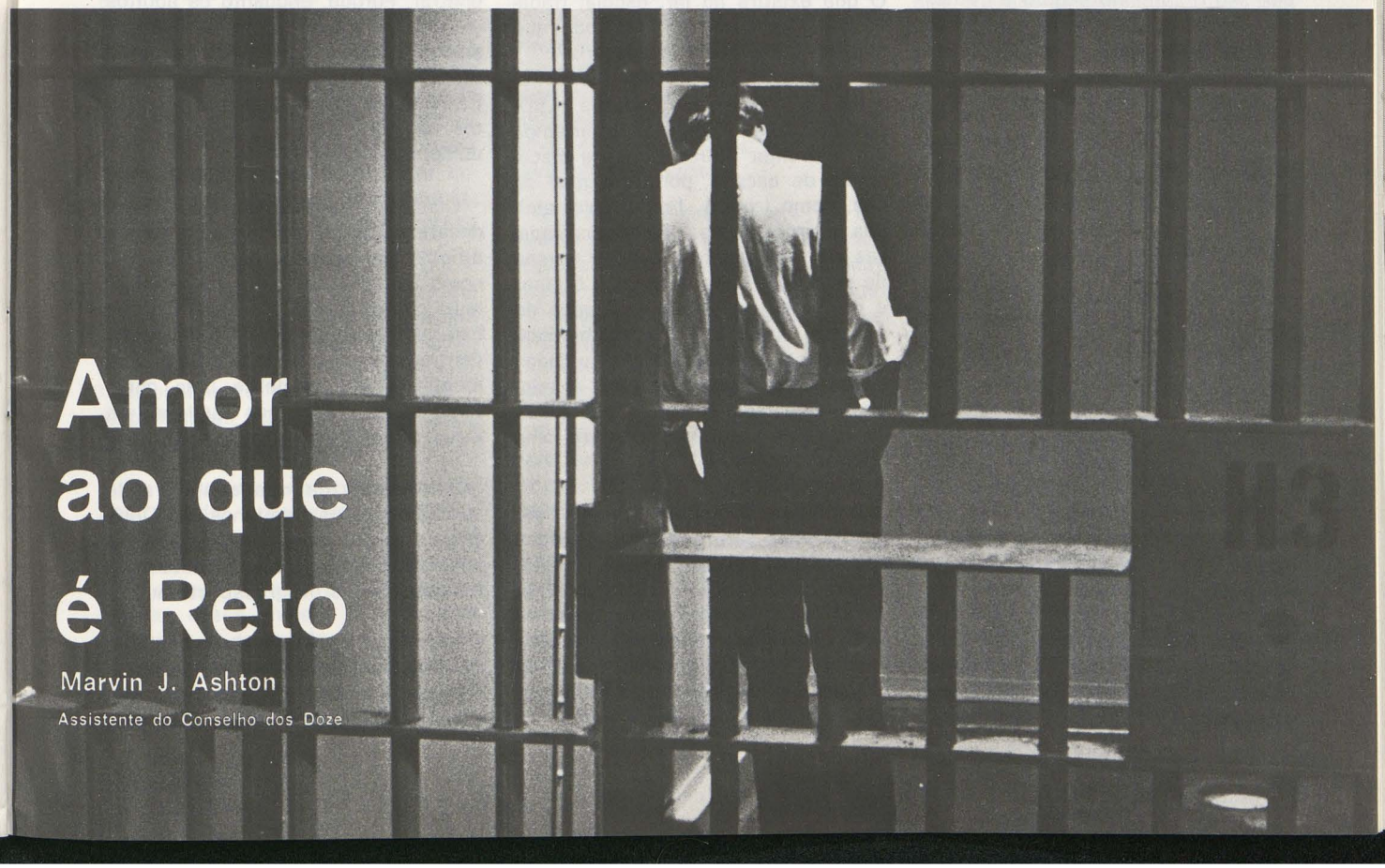




A juventude que enfrenta a vida com honestidade e esperança não anda à procura de "substitutos humanos".

Amor ao que é Reto

Marvin J. Ashton
Assistente do Conselho dos Doze



Nestes últimos dias, meus pensamentos voltaram-se repetidamente àquela sublime mensagem fortalecedora: "... pois eu, o Senhor, o amo (Hyrum Smith) pela integridade do seu coração, e porque ele ama o que é reto diante de mim..." (D&C 124:15). Que grande bênção ser alguém que ama o que é reto.

Na sociedade atual, parece haver uma tendência de se viver por concessões, racionalização, comparação e auto-justificativas. O amor ao que é reto foi substituído pelo amor à aceitação e conveniência. Alguns pensam erradamente que o caminho da segurança se encontra algures entre a estrada da retidão e a da destruição. Outros parecem ter-se convencido de que o caminho para a perfeição é alcançado, seguindo-se a rodovia das concessões.

Outro dia, certa mãe, referindo-se à conduta de seu filho universitário, disse em tom suavemente satisfeito: "Talvez ele não esteja estudando coisa alguma, mas, pelo menos, não se mete nos tumultos da universidade." Um sentenciado condenado por roubo parecia ter um toque de orgulho na voz, quando disse, apontando para outro prisioneiro: "Pelo menos não sou tão ruim como aquele sujeito. Ele está aqui por homicídio de segundo grau." Uma ladra de lojas parecia julgar-se somente um "tantinho" desonesta por ter sido apanhada furtando um chapéu, enquanto outras haviam sido pegas roubando vestidos. Que espécie de raciocínio é demonstrado, quando alguém alega: "Posso estar fumando uns maços de cigarro por dia, mas não uso entorpecentes"?

As pressões do mundo igualmente, sobre moços e velhos, para fazerem concessões e experiências, são reais e assoberbantes. Muitos dentre nós ficamos estupefatos hoje em dia, quando nos damos conta do fato de que existem viciados em drogas até mesmo entre adolescentes de doze e treze anos de idade. Mas o que deveria ser mais chocante são as táticas empregadas para induzir nossos jovens a experimentarem tais drogas. Soube através de jovens enredados nesse passatempo vicioso, que se empregam largamente argu-



Amor ao que é Reto

mentos tais como: "As drogas são uma fuga divertida desse mundo nojento em que se é obrigado a viver", "As drogas são o apoio dos solitários", As drogas lhe darão a imagem amadurecida e auto-suficiente que você tanto almeja", "As drogas são um substituto humano".

Quero declarar, com todo o vigor de que disponho, que esses argumentos danosos são obra do maligno. Os jovens são induzidos a crer que os "embalos" provocados pelas drogas são o caminho seguro e "atual" para se andar entre a retidão piedosa e a destruição.

As drogas estão levando muitos de nossos jovens a desistir antes da partida. Elas roubam ao indivíduo seu senso de valores. Os jovens envolvidos em drogas estão brincando de "faz-de-conta" com um elemento de sub-cultura.

Ao considerar o abuso de drogas, entorpecentes, ou outros problemas sociais, recomendo que focalizemos nossa atenção nas causas, em lugar dos sintomas.

Quando um jovem pergunta a si mesmo ou a um amigo: "Por que não tomar drogas?" é bem possível que esteja fazendo a indagação errada. O que ele realmente quer e precisa saber é: "Por que, afinal, iria tomar **qualquer** tipo de estimulante ou depressivo? O que há em minha vida de tão insuportável que provoca o desejo de escapar para um diabólico mundo de ilusões?" Se nós, como pais e amigos, dizemos aos jovens que as drogas são perniciosas, más e imorais, sem tentar compreender por que se refugiam nesse funesto sucedâneo da realidade, então as drogas em si tornam-se a questão principal e não o sintoma do problema maior — a infelicidade. Precisamos saber por que nossos entes queridos desejam escapar da sua vida presente para a vida desconhecida, porém perigosa do vício. O que levará um moço ou moça forte, amável, vibrante a permitir que uma substância química controle sua conduta? O que existirá no lar, escola, trabalho ou igreja de tão incômodo que faça a fuga parecer necessária?

Se não houvesse maconha, LSD, psicotrópicos e heroína, teríamos que enfrentar outros tipos de mecanismo de escape, porque alguns de nós, como irmãos, irmãs, pais, amigos e professores, não fomos capazes de nos achegarmos aos jovens de modo que lhes déssemos o amor e confiança que buscam. Alguns de nós não fornecemos a estabilidade doméstica, o respeito e os cuidados de que toda pessoa precisa. A educação religiosa na Igreja não basta — eles precisam também de uma vida de amor no lar.

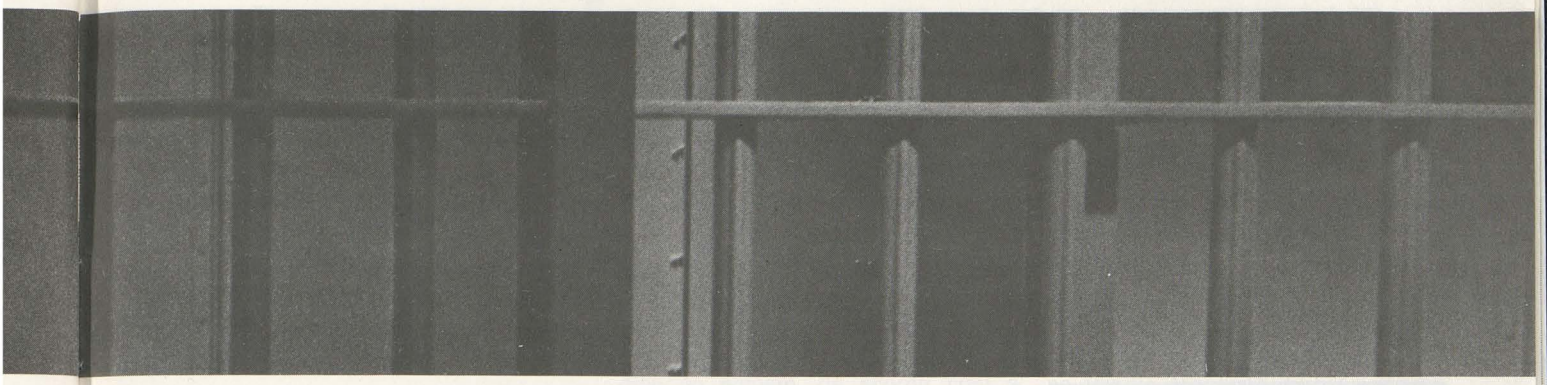
Onde haverá ambiente melhor que um lar feliz, para ensinar aos moços o amor pela retidão? Nossa juventude não procurará um "substituto humano", se lhe dermos uma atmosfera doméstica, com carinhosas relações pessoais em que a mãe, o pai, os irmãos e irmãs realmente se importam com ela.

Pais, asseguremo-nos de que nossos jovens não sejam continuamente expostos à idéia de que as tensões da vida cotidiana exigem um alívio químico. É preciso acentuar seguidamente as informações de fato acerca das drogas, em lugar de amedrontar ou envergonhar. Devemos criar os filhos de maneira que não sejam privados de afeição nem mimados em excesso. Temos que dar às crianças responsabilidades de acordo com sua capacidade, e nunca protegê-los em demasia dos percalços que irão encontrar. Porque, enquanto os adultos — pais e mães — continuarem a **semear ventos,** certamente **segarão tormentas.** Entrincheirando-nos mais firmemente nos verdadeiros propósitos da vida familiar, semearemos a união, segando felicidade.

Quando surgirem as tentações e desafios, haverá tempos dolorosos e difíceis não somente para os jovens, como também para seus pais. Então, mais do que nunca, é imperativo que haja amor, compreensão e aceitação dentro do lar, a fim de que os moços aprendam que somente uma constante perseverança nos caminhos de Deus proverá uma vida rica e feliz.

É tempo de reafirmarmos a grande verdade que os caminhos de Deus são retos, e proporcionam não só segurança mas também conduzem à felicidade e ao progresso eterno.

Falando de permanecer no caminho reto, nunca esquecerei a experiência que tive em Utah central, com certo amigo, anos atrás. Seu pas-



satempo era caçar pumas. Em companhia de colegas, bons cavalos, armas e cães de caça treinados, costumava seguir a pista da fera até abatê-la ou capturá-la depois de encurralada. Um dia, ao visitá-lo na sua firma, vi um grande cão de caça amarrado num dos telheiros. "Que belo animal!" comentei, ao que respondeu: " Tenho que me desfazer dele, já causou aborrecimentos demais." "Qual o problema?" insisti.

"Desde que era filhote, treinei-o para a caça ao puma. Ele sabe o que se espera dele. A última vez que fomos caçar durante três dias, ele perguiu uma corça, depois um coiote e finalmente alguns coelhos, ficando ausente a maior parte de um dia inteiro. Ele sabe que precisa ficar na pista do puma, para poder ficar comigo. Nosso negócio é caçar pumas. Por isso, está à venda por um preço bem baixo."

Quantas vezes nos deixamos desviar da pista certa por distrações que cruzam nosso caminho, como por exemplo as drogas? Será que, ocasionalmente, não perseguimos a pista fácil do "coelho", quando existe "caça maior" mais adiante?

As drogas são um problema grave hoje em dia, preocupando profundamente a Igreja. Os familiares, pais e oficiais da Igreja deveriam fazer todo o possível para prevenir ou remediar esses males. O crescente emprego de drogas forma quase que uma sub-sociedade dentro da sociedade mundial mais extensa. As pessoas, jovens e idosas, que fazem parte daquele ambiente tendem a adotar trajes, cortes de cabelo e outros maneirismos incomuns que os distinguem. Mas, a não ser que se tornem ofensivos ou inaceitáveis devido à conduta extrema, rejeitar ou excluí-los de nossas reuniões e convívio seria somente prejudicial. Espera-se que evitemos a cilada de dar excessiva publicidade aos transgressores, às expensas da maioria que leva uma vida virtuosa.

Ao mesmo tempo, não devemos reagir com pânico ao que é sintoma de um mal mais grave. Há indícios concretos de que temos saturado a juventude, dentro e fora da Igreja, com informações acerca de drogas, ensinando-lhe inconscientemente a como e onde obtê-las por nossas campanhas maciças.

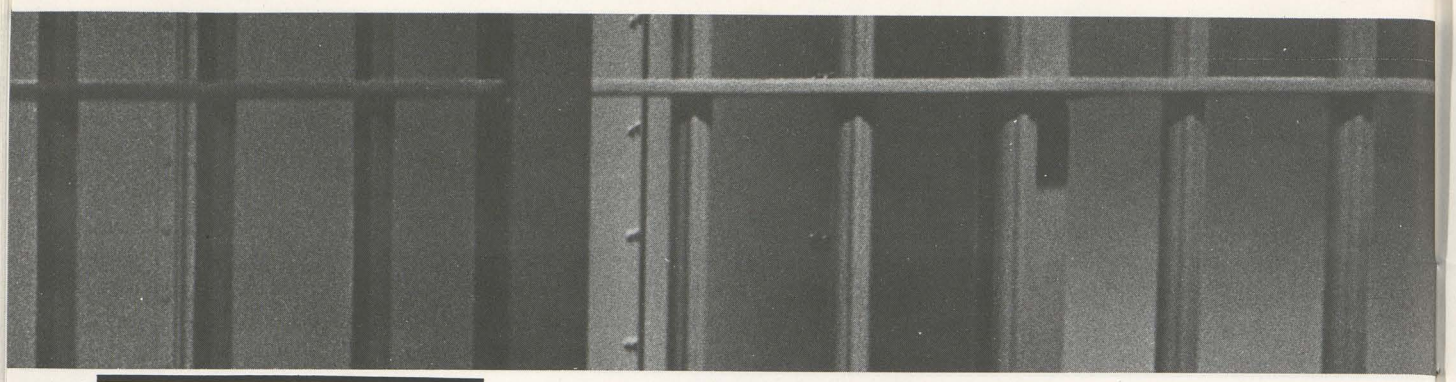
A Igreja reconhece e apoia os esforços de pessoas e organizações respeitáveis que procuram tratar desses problemas e combatê-los. Os bispos e demais líderes do Sacerdócio devem ajudar os viciados a encontrarem meios de cura e reabilitação.

No caso de pessoas que demonstram tendência ou curiosidade pelas drogas, devemos contribuir para o fortalecimento da vida familiar e pessoal, através de uma re-educação cálida e amorosa em torno dos princípios básicos do Evangelho. Nossa juventude está à procura de verdadeira liderança. É preciso reconduzir os perdidos para o caminho certo, e ensinar os outros a continuarem nas sendas do Senhor.

Permitam-me reiterar que, embora as drogas sejam problema de suma gravidade, e a Igreja um instrumento flexível nas mãos do Senhor, não devemos deixar o curso eterno e primordial por problemas que, não obstante sérios, são apenas sintomas de males maiores.

Os altos padrões de conduta sempre se basearão no amor pelo que é reto. A iniquidade, seja qual for, nunca nos poderá levar a uma vida feliz. Devemos ficar atentos aos que nos querem convencer de que não existe céu, nem inferno, e que o único caminho para a felicidade é traçado com concessões e conveniências. Satanás é real e eficiente. O abuso de drogas é um de seus recursos. Ele gostaria de derrotar o homem, afastando toda a humanidade de Deus, valendo-se de sua astúcia. Não nos deixemos iludir. Deus vive, e através dele e com ele podemos realizar todas as coisas. Não devemos deixar-nos enlear no pecado das drogas ou no pecado de comprometer nossos padrões, mas antes aprender a evitar os caminhos de Satanás.

O Pai Celestial preocupa-se tanto que escolhamos o que é reto, que nos abençoará com um sinal, se recorrermos a ele, buscando conselho. Será que nos damos conta de que o Senhor nos prometeu uma manifestação física, desde que lhe roguemos orientação dignamente? Na seção nove de Doutrinas e Convênios, versículo oito, temos o seguinte compromisso do Senhor:



Amor ao que é Reto

"Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim que é certo".

Irmãos e irmãs, comprometemos nossas bênçãos e criamos explicações aparentemente válidas para nosso afastamento do caminho seguro e reto, quando deixamos de pedir a Deus que nos guie nas decisões que são parte da vida cotidiana.

O Senhor prometeu que nos ajudará em nossa busca da felicidade, se confiarmos nele e seguirmos o seu caminho. Valendo-nos de sua força, teremos vida abundante. Se diariamente magnificarmos o Sacerdócio que temos e compartilharmos nossos talentos, Satanás não terá poder sobre nós, e a força do Pai Celestial tornará possível todas as coisas justas. Amon, falando a seu irmão Aarão, em Alma cap. 26, vers. 12, mostra-nos o caminho de vida que proporciona segurança: "Sim, e sei que nada sou; quanto à minha força, sou débil; portanto, não me vangloriarei de mim mesmo, mas me gloriarei em meu Deus, pois que com sua força tudo posso fazer... pelo que louvaremos o seu nome para sempre". Para gozar uma vida eterna, feliz, precisamos viver apenas o Evangelho de Jesus Cristo.

Após uma das recentes sessões da conferência geral, certa mãe preocupada procurou-me e disse: "Preciso saber o que significa a frase: "Nenhuma outra vitória pode compensar o fracasso no lar". Conhecendo até certo ponto o peso que essa minha amiga carrega em sua mente e coração, por causa de uma filha rebelde e obstinada, expliqueilhe o seguinte: Creio que começamos a fracassar no lar, quando perdemos a esperança. Enquanto continuarmos tentando, não teremos fracassado. Enquanto nos esforçarmos diligentemente com amor, pacjência e longanimidade, a despeito dos percalços ou aparente falta de progresso, não nos classificamos como fracassados no lar. Somente quando perdemos a esperança quanto a um filho, filha, mãe ou pai é que começamos a fracassar.

Poucos dias atrás, recebi a agradável designação de visitar alguns de nossos amigos lamanitas em Supai, na base do Grande **Canyon** no Arizona. Percorrendo suas trilhas, tive oportunidade de conversar com alguns jovens **hippies** que haviam viajado para aquele território ermo em busca de evasão. As drogas e um desejo íntimo de fugir de todos e de tudo, segundo admitiram, impeliu-os para aquela área e eventualmente a outras, quando esta se tornasse rotineira. "Ninguém se importa conosco e, francamente, nós não nos importamos com o **establishment**", foi a mensagem que me deram; entretanto, asseguro-lhes que estas não foram as palavras exatas usadas por eles. São essas as palavras que eu disse a um dos moços e quero partilhá-las também com outros jovens amigos, atualmente dados ao hábito das drogas: "Tão certo quanto você pode sair deste Grande **Canyon** em três ou quatro horas com todas as suas posses materiais amarradas às costas, poderá safar-se do hábito das drogas. Existe uma porção de gente que se importa com você e que gostaria de ajudá-lo a galgar a trilha para o caminho certo".

Aos nossos jovens amigos e seus pais desnorteados, apanhados na funesta armadilha do abuso de drogas e suas dolorosas consequências, asseveramos que existe um caminho de retorno. Vocês conseguirão vencê-lo. Existe a esperança.

Testifico-lhes hoje que o amor ao que é certo nos proporcionará a força e proteção do Pai Celestial. Em sua senda, encontraremos segurança. Oro para que tenhamos em nosso coração o desejo de procurar sinceramente as veredas seguras que nos livrem dos males como as drogas, guardando honestamente todos os seus mandamentos.

Enquanto trabalhamos unidos, ajudando nossa juventude a combater e evitar todas as tentações de nossos dias, lembremo-nos de que "...todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus". (Tiago 1:19-20). Rogo ao nosso Pai Celestial que nos ajude a ensinar e amar o que é reto, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O MATRIMÔNIO DEVE SER ETERNO

James A. Cullimore
Assistente do Conselho dos Doze

O matrimônio é um vínculo sagrado, estabelecido primordialmente para a formação de uma família.

Meus queridos irmãos e irmãs, hoje aqui postado diante de vocês, espero valer-me um pouco de sua fé e orações ao falar das coisas que sinto em meu coração.

O casamento no templo para esta vida e toda a eternidade deveria ser a meta de todo membro da Igreja, pois ele é ordenado por Deus. O matrimônio é um mandamento, tendo sido instituído por édito divino.

O Senhor disse:

"E novamente, em verdade vos digo, que todo o que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens.

"Portanto, é legítimo que o homem tenha uma esposa, e os dois serão uma só carne, isto para que a terra cumpra o fim da sua criação;

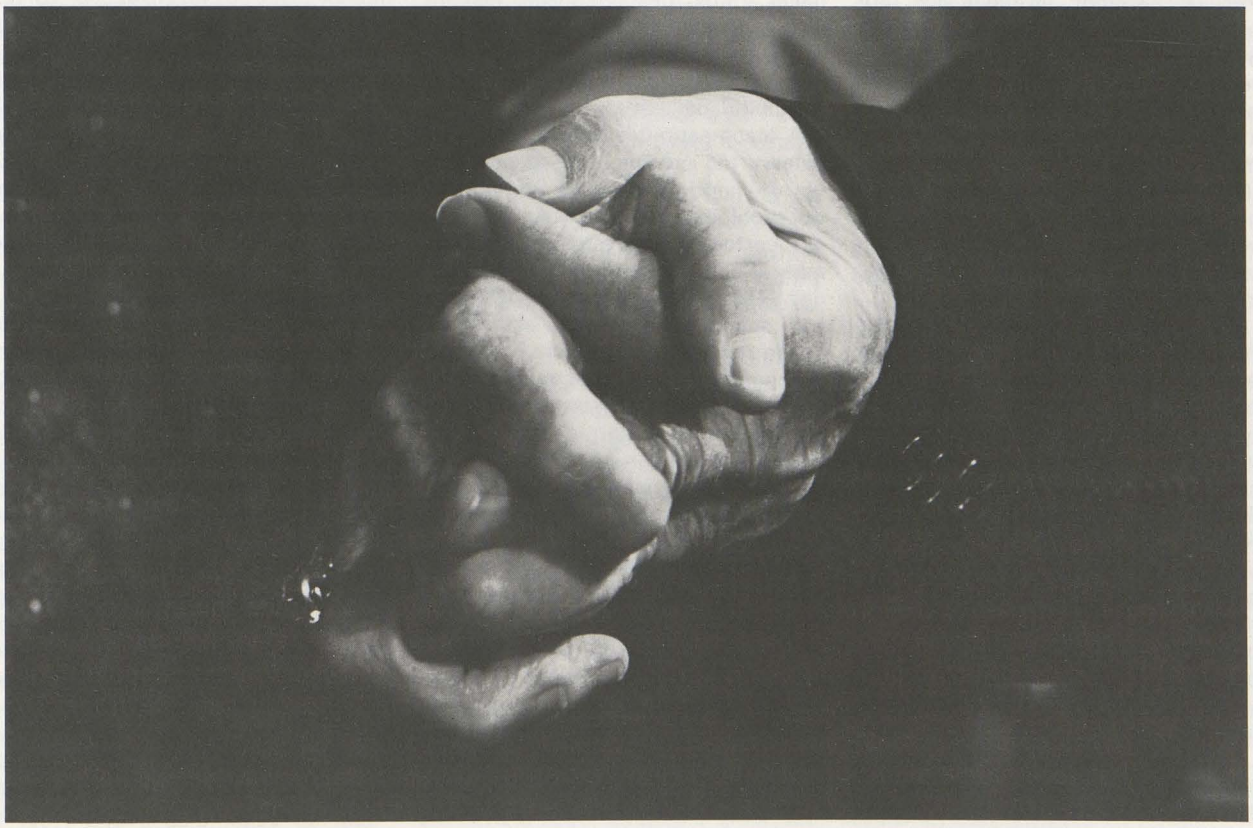
"E para que se encha com a medida do homem, de acordo com a sua criação já antes da formação do mundo." (D&C 49:15-17).

O matrimônio é um vínculo sagrado, estabelecido primordialmente para a formação de uma família, em cumprimento dos mandamentos do Senhor.

Um casamento com filhos, e as maravilhosas relações familiares provenientes dele, são o cumprimento da vida. Se as coisas fossem como deveriam ser, veríamos um pai e mãe num lar, tendo sido casados no templo para esta vida e toda a eternidade. O pai magnificando o Sacerdócio, presidindo sobre sua família em retidão. Pai e mãe amando-se mutuamente e aos filhos. Crianças amando e respeitando uma a outra, e também ao pai e à mãe, todos ativamente engajados em suas responsabilidades religiosas. O Senhor tencionou que o casamento celebrado no templo fosse de duração eterna. Foi este o seu plano. O Presidente Joseph Fielding Smith declarou: "O matrimônio, no conceito dos santos dos últimos dias, é um convênio para ser eterno. **É o fundamento para a exaltação eterna, pois, sem ele, não poderia haver progresso eterno no reino de Deus." (Doctrines of Salvations** /Bookcraft, 1967/, vol. 2, p. 58)

"Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem." (Marcos 10:9). Pelas Escrituras, torna-se evidente que o casamento à maneira do Senhor não deve ser desfeito.

Na verdade, é triste ver quão levianamente certas pessoas encaram



O Matrimônio Deve ser Eterno

seus votos matrimoniais. Reina profunda preocupação entre os Irmãos devido ao crescente número de divórcios na Igreja atualmente.

Ainda que o índice de divórcios entre os membros da Igreja seja consideravelmente inferior ao nacional, e a porcentagem entre os casados no templo seja ainda menor que os casados no civil, mostra-se alarmantemente elevado.

O divórcio em geral é o resultado de um ou ambos os cônjuges não viverem o Evangelho. Suponho ter sido esta a mesma razão pela qual o divórcio foi permitido nos tempos de Moisés, segundo se infere das palavras do Salvador, dirigidas aos fariseus: "Moisés por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim." (Mateus 19:8) Assim também hoje em dia, os membros não se atêm plenamente à lei do Evangelho, e por isso, como nos dias de Moisés, permite-se o divórcio quando considerado inevitável, embora isto nunca fosse tencionado.

Se, no casamento, ambas as partes fizessem dos padrões e princípios evangélicos a base de seu matrimônio, surgiriam poucos problemas que não conseguiriam resolver. Quando um deles ou ambos começam a transigir quanto aos padrões do Evangelho, seguem-se os problemas. O matrimônio é um vínculo sagrado, e bons membros da Igreja saberiam que se destina principalmente à geração e criação de filhos. Outros importantes anseios e planos no casamento também deveriam ser plenamente compreendidos por ambas as partes.

Referindo-se à seriedade com que celebramos o contrato matrimonial, disse o Presidente McKay: "Encarar o casamento como mero contrato que pode ser assumido levianamente por capricho romântico, ou propósitos egoístas, e desfeito na primeira dificuldade ou desentendimento que possa ocorrer, é algo que merece severa condenação, especialmente em casos em que crianças serão as prejudicadas pelo desajuste." (Citado por Blaine R. Porter, **The Latter-day Saint Family** /Deseret Book Co. 1966/, pp. 402-403).

Enumerar alguns dos motivos mais comuns alegados para divórcios civis, possivelmente pode ser útil para evitar tais problemas: Incompatibilidade, adultério, questões financeiras, maus tratos, desonestidade, não viver o Evangelho, infidelidade, não honrar o Sacerdócio, abandono, brigas constantes, apatia, alcoolismo, irascibilidade.

A incompatibilidade tornou-se uma palavra tão comum, que parece servir de justificativa para um porção de problemas. Não duvido de que, em certos casos, isto se justifica, mas afinal, o que é incompatibilidade? Não indicará egoísmo? Quando não somos compatíveis, estaremos sendo realmente abnegados, amamos nosso próximo verdadeiramente como a nós mesmos? Teremos feito todo o possível para harmonizar nossos gostos e aversões com os de nosso cônjuge? Se realmente estivermos vivendo o Evangelho, haveria muito menos incompatibilidade.

O Presidente McKay disse acerca da incompatibilidade: "Quando um casal que costumava aquecer-se no sol do amor recíproco é obrigado a assistir, impotente, todos os dias, como as nuvens do desentendimento e da discórdia obscurecem a luz preciosa de suas vidas, é realmente trágico. Nas trevas que se seguem, as centelhas de afeição em seus olhos são obscurecidas. Para remediá-lo, fazem tentativas infrutíferas para dizer a palavra certa e fazer a coisa certa; mas a palavra e o ato são mal interpretados, uma resposta cortante reabre a ferida, e aqueles corações, uma vez tão unidos, vêem-se cada vez mais afastados. Quando chegam a tal estado confrangedor, procuram a separação." **(Gospel Ideals** /Improvement Era, 1953/, p. 469)

Tenho-me chocado ao saber até que ponto os homens maltratam fisicamente as mulheres. Na conferência de outubro de 1951, disse o Presidente McKay: "Não consigo imaginar um homem sendo cruel com uma mulher. Não posso imaginá-la conduzindo-se de tal modo, que mereça esse tratamento. Talvez haja no mundo mulheres que exasperam seus maridos, mas nenhum homem tem o direito de recorrer à força física ou explodir seus sentimentos de forma profana. Indubitavelmente, existem no mundo homens tão bestiais, mas nenhum portador do Sacerdócio de Deus deve rebaixar-se a tal ponto." **(Gospel Ideals,** p. 476)

A questão do desinteresse, falta de manifestações volutárias, ausência de afeição constituem causas comuns para a destruição do casamento. O Presidente Harold B. Lee disse recentemente a um grupo de líderes do Sacerdócio: "Digo-lhes irmãos, que a coisa mais perigosa que pode acontecer entre vocês e sua esposa, ou entre mim e a minha, é a apatia... sentirem elas que não nos interessamos por seus assuntos, que não estamos expressando nosso amor e demonstrando nossa afeição com frequência. As mulheres precisam ser amadas para ser felizes, o mesmo acontecendo com os homens." (Seminário para Representantes Regionais dos Doze, 12 de

dezembro de 1970, p. 6).

Encarar levianamente a lei da castidade ou violar os ensinamentos morais do Salvador é um assunto sério. Parece incrível que portadores do Sacerdócio e mulheres, que foram considerados dignos de possuir uma recomendação para o templo e ser casados ali, sejam tão amiúde culpados de adultério, infidelidade e outros pecados sexuais.

Nestes dias, quando tantas mulheres trabalham fora do lar, em que homens e mulheres trabalham juntos, muitos lares são arruinados pelo que se inicia como uma amizade inocente.

O Presidente McKay deu aos homens algumas sérias orientações, quando disse: "Um homem que tenha entrado em um convênio santo na casa do Senhor, de se manter fiel ao voto matrimonial, é um traidor do convênio, caso separar-se de sua esposa e família, somente porque se permitiu apaixonar por um palminho bonito de rosto e pelas formas graciosas de alguma jovem que o adulou com um sorriso. Embora a interpretação condescendente da lei da terra concedesse a tal homem uma carta de divórcio, acho que ele é indigno de uma recomendação para realizar no tempo o seu segundo matrimônio.)Gospel Ideals, p. 473).

Não importa qual seja a razão para o divórcio, frequentemente os que mais sofrem são as crianças. Muitas vezes, roubam-se dessas crianças as necessidades básicas que as preparam para a vida.

O Presidente McKay disse que há três coisas fundamentais a que toda criança tem direito: (1) um nome responsável; (2) um senso de segurança, e (3) oportunidades para desenvolvimento. (The L. D. S. Family, p. 406). Sua possibilidade de qualquer uma dessas é diminuída pelo divórcio.

Quando a Irmã Cullimore e eu fomos ao templo para casar, o Presidente George H. Brimhall (da Universidade de Brigham Young) chamou-nos ao seu escritório. Ali nos deu alguns conselhos que temos apreciado durante todos esses anos. Disse ele: "As quatro fontes do "Jardim do Éden" de vocês que não o transformarão num deserto são: Constante confiança, constante diálogo, constantes concessões e uma corte constante."

A confiança plena — sob todos os aspectos — é importante em qualquer casamento. A confiança nascida do verdadeiro amor, nunca duvidando, nunca questionando a integridade um do outro. Alguém afirmou: "A sociedade é edificada sobre confiança, e a confiança sobre a certeza da integridade do outro."

O diálogo mútuo e a tomada de decisões em conjunto é muito importante para um casamento feliz. O diálogo que inclui a família inteira promove o bom relacionamento familiar.

Aconselhar-se mutuamente em tudo o que for feito fortalecerá os vínculos matrimoniais.

Presumo que não existe maior necessidade num casamento do que as **concessões.** É por meio delas que conseguimos uma crescente aproximação. Quando reconhecemos nossas próprias falhas e as virtudes do outro, fazendo os ajustamentos requeridos, fortalecemos nossos casamento.

Henry Watterson declarou: "Eu poderia transigir nas guerras. Transigiria quanto à glória. Transigiria em todas as coisas até aquele ponto em que entra em cena o ódio, entra em cena a miséria, onde o amor deixa de ser amor, e a vida começa seu ocaso no vale da sombra da morte. Mas nunca trasigiria no tocante à Verdade, não faria concessões quanto ao justo."

Corte constante: Disse o Presidente McKay: "As sementes de um casamento feliz são lançadas na juventude. A felicidade não começa junto ao altar, mas sim, germina durante o período de juventude e namoro." **(Pathways to Happiness** / Boockraft, 1957/, p. 49).

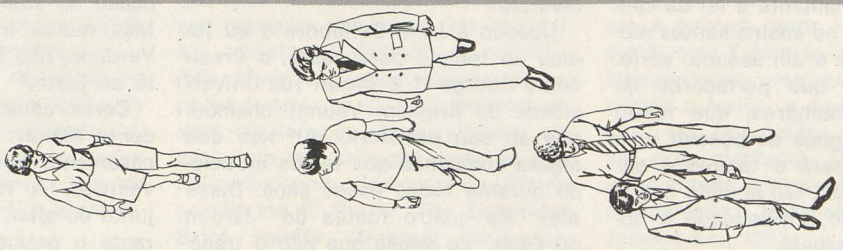
Tampouco deve o namoro terminar no altar. É tão importante estarmos constantemente atentos ao nosso casamento e nele trabalhar todos os dias de nossa vida, mantendo o namoro sempre vivo com atos gentis, atenções e considerações. Archibald F. Bennet, falando sobre exaltação familiar, soube expressá-lo em belas palavras: "Um número demasiado grande de pares têm chegado ao altar considerando a cerimônia do casamento como o fim do namoro em vez do início da corte eterna. Não esqueçamos que, durante os pesados encargos da vida doméstica, ...as ternas palavras de apreço e pequenas cortesias são ainda mais apreciadas do que durante os doces dias e meses de namoro. É passada a cerimônia do casamento e durante as dificuldades cotidianas do lar, que palavras como **obrigado, desculpe,** e **por favor,** ...contribuem para perpetuar aquele amor que os conduziu ao altar... A aliança não dá ao homem o direito de ser cruel ou desatencioso, nem à mulher o direito de ser desleixada, rabugenta ou desagradável." **(The L. D. S. Family,** p. 236).

Que possamos manter sagrados nossos votos matrimoniais e viver de forma a poder usufruir suas eternas bênçãos, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Para Onde Vão Vocês, Realmente?

Richard L. Evans

Do Conselho dos Doze



Meus queridos irmãos e irmãs — de toda a parte:

Poucas semanas atrás, um grupo nosso considerava o que atrairia a atenção das pessoas ao passarem por um aeroporto movimentado — indo e vindo de muitos lugares em busca dos mais diversos objetivos. Então, vieram-me à mente as tão repetidas perguntas: De onde viemos? Porque estamos aqui? Para onde vamos? E sugeriu-se a variação implícita numa delas: Para onde vão vocês, **realmente?** E a esta pergunta, poderíamos acrescentar: O que vocês realmente desejam?

Gastamos muito de nosso tempo investindo a esmo, nem sempre pensando no que deveríamos ser ou no que é mais importante.

Às vezes, almejamos coisas que acreditamos ser necessárias, e, quando enfim as conseguimos, vamos descobrir que não nos significam tanto como esperávamos.

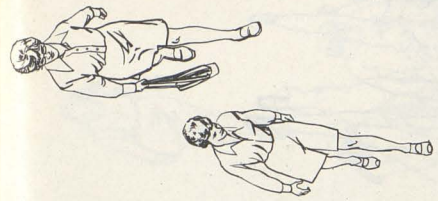
E assim se vão os anos — e mesmo quando ainda moços, damo-nos conta de que somos mais velhos do que antes.

Sem que déssemos acordo, já se passou mais de um quarto deste ano — Talvez em parte buscando coisas que não importam muito — o que nos recorda um suposto sonho de John Ruskin:

"Sonhei", conta ele, "que estava numa festa de crianças... na qual haviam sido providenciados todos os tipos de entretenimento... por um anfitrião sábio e bondoso... As crianças foram deixadas à vontade nas salas e jardins, sem outro cuidado senão passar uma tarde alegre... Havia música... toda espécie de livros divertidos... uma oficina... a mesa carregada de coisas boas para se comer... e tudo o mais que uma criança poderia imaginar... mas, em meio a tudo isso, ocorreu a duas ou três crianças mais "práticas" que gostariam de possuir alguns dos belos pregos de latão que tachonavam as cadeiras; e assim, puseram-se a arrancá-los. Em pouco tempo, quase todas as crianças estavam a ferir os dedos, tentando arrancar as tachas de latão. Mas não ficaram satisfeitas com as mancheias que conseguiram despregar, e então, cada um queria tirar mais alguns dos outros. Afinal, as crianças realmente "práticas" e "sensíveis" declararam que, naquela tarde, nada mais importava de verdade do que arranjar bastante tachas... No fim, acabaram brigando pelos pregos de latão... **embora soubessem que não lhes seria permitido levar embora uma única tacha que fosse.** Mas não! Era só: "Quem tem o maior número de pregos?... Preciso ter tan-

tos quanto vocês antes de sair daqui, ou então não poderei de forma alguma ir para casa sossegado!" Acabaram, afinal, fazendo tanto alarido, que acordei e pensei comigo: "Que sonho falso acerca de **crianças**... Elas nunca fazem coisas tão tolas. Apenas os homens agem assim".

Bem, eu não tive um sonho igual ao descrito por Ruskin, mas tenho inúmeras vezes sondado, orado e meditado sobre a questão.







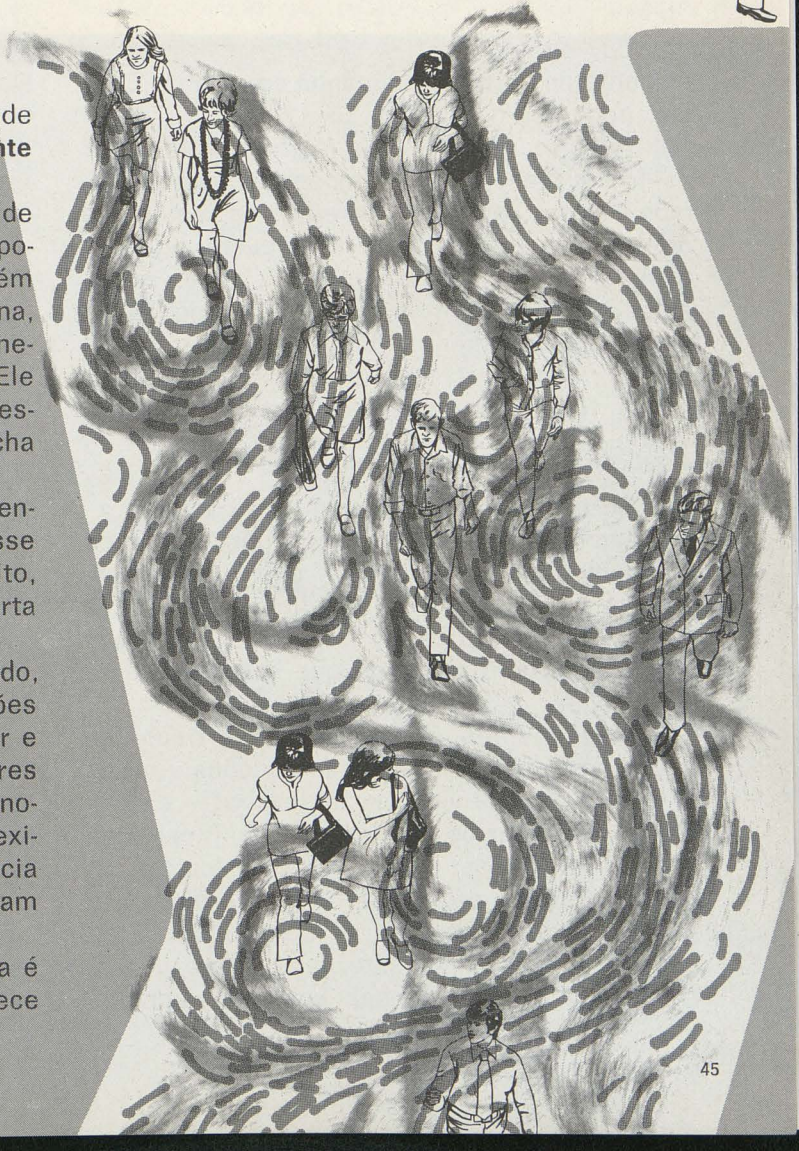
Caros amigos, jovens e velhos, para onde vocês vão **realmente?** O que vocês **realmente** desejam?

Meses atrás, falei no serviço fúnebre de um querido e velho amigo. Ele possuía, suponho eu, pouco das **coisas** desta vida, porém ouvi seu neto dizer: "Uma vez por semana, vovô se reunia com **toda** sua família — bisnetos e tudo, e lhes ensinava o Evangelho. Ele nunca se mostrava pessimista; sempre expressava fé e incentivo. Não havia a tal "brecha entre as gerações".

E fiquei pensando como me sentiria abençoado e realizado, se um neto meu pudesse dizer sinceramente o mesmo a meu respeito, quando esta vida exaurir sua breve e incerta medida.

Pensei nos lugares em que tenho estado, pelo mundo afora, onde centenas de milhões nunca tiveram o privilégio de aprender a ler e escrever. Depois, pensei em outros lugares em que os jovens abandonam a escola e ignoram suas oportunidades. Num mundo que exige cada vez mais adestramento, competência e perícia, para onde eles **realmente** pensam que estão indo?

Meus queridos jovens amigos, **cada** dia é uma partícula da eternidade. O que acontece



aqui e agora é importante para todo o sempre.

E gostaria de implorar-lhes, estejam onde estiverem, que se preparem para as oportunidades que os aguardam aqui e agora, bem como para o futuro que é eterno. "O que vale a oportunidade", pergunta George Eliot, "para o homem que não pode usá-la?"

As leis da natureza, as leis de Deus, as leis da vida, são iguais e idênticas, e estão sempre em pleno vigor. Vivemos num universo de lei. A primavera segue o inverno, disso podemos estar certos. O sol se mostrará novamente na hora certa amanhã de manhã. Com isto podemos contar.

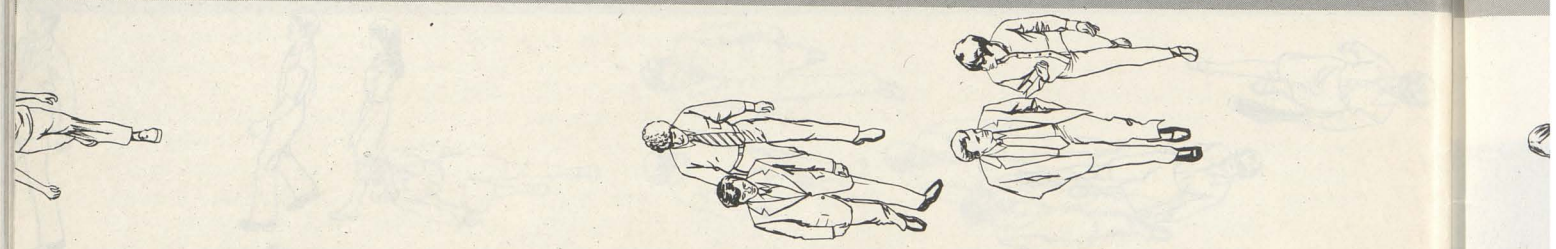
Assim também as leis morais e espirituais estão em pleno vigor. Também com isto devemos contar. Todos nós veremos os resultados de como vivemos a vida. E ninguém diga que o mero homem tem o direito ou poder de repelir os mandamentos de Deus ou pô-los de lado — mandamentos tão práticos e essenciais, uma parte da vida, pois dizem respeito à saúde, felicidade e paz, à honestidade e moralidade, pureza e excelência, e todo o resto pertinente à vida.

Se alguém lhes disser, meus queridos jovens amigos, que vocês podem pôr de lado os mandamentos de Deus sem sofrer as consequências — se alguém lhes disser **isto,** vocês poderão estar certos de que estão escutando alguém que não sabe, ou que não lhes conta a verdade.

Estas mentes, estes corpos que Deus nos deu, com suas maravilhosas funções físicas, precisam durar a vida mortal inteira — e debilitar ou embotar os sentidos, ou danificar suas funções orgânicas, ou abusar ou descuidar deles — entregar-se a substâncias prejudiciais ao organismo, embotadoras do intelecto e do espírito, é uma insensatez absurda e iníqua. Qualquer coisa que não seja boa para o homem, não deve ser usada por ele — ou feita por ele.

Afastar-se das leis da vida acarreta não somente penalidades físicas como também mentais e espirituais, e íntima angústia d'alma. Como disse Juvenal: "A pior das punições é que, no tribunal da sua própria consciência, nenhum homem culpado é absolvido".

Assim sendo, devemos viver como deveríamos, não só porque isto agradaria a Deus, não só porque agradaria a nossos pais, mas como um favor a nós próprios — pois todo mandamento, todo requisito estabelecido por Deus destina-se a promover **nossa** felicidade, **nossa** saúde, **nossa** paz e progresso. Oh, queridos jovens amigos, até mesmo do ponto de vista egoístico é sagaz guardarem-se os mandamentos de Deus.



Mas, a par do aspecto orgânico, deve haver cuidado também com a poluição da mente e da alma — preocupação com os fornecedores e exploradores da pornografia, aqueles que, visando lucro ou outros propósitos, infestam a mente do povo com literatura e ilustrações torpes e degradantes.

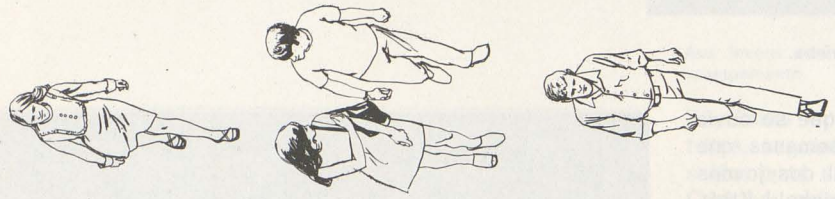
Naturalmente, deveríamos lançar mão de todos os meios disponíveis para, pelo menos, reduzir esse mal — um mal que nunca estabelecerá limites para si mesmo, mas se tornará cada vez mais difundido e sinistro, enquanto o permitirmos.

Temos a obrigação de salvaguardar a inocência e honestidade das crianças. E além do crescente clamor quanto ao combate à poluição física, haja uma preocupação igual em combater a poluição do intelecto, dos costumes e da moral. Nossos cuidados com a poluição ambiental certamente não são mais urgentes do que nossa preocupação com o conspurcar da mente e da alma humana.

Bem, ao palmilharmos a estrada da vida, existem, sem dúvida, duas coisas a considerar:

a força da prevenção e a força do arrependimento.

Por que investir contra as leis da vida? Por que precipitar-se cegamente nas enfermidades e na infelicidade? Por que viver contrariando a consciência? Pensem nos sofrimentos, perdas e remorsos que poderiam ser evitados, se vivêssemos do modo que devemos. Ninguém pode furtar-se às consequências. Como disse Cecil B. DeMille: "Não podemos quebrar... os mandamentos, mas apenas quebrar a nós próprios contra eles". Oh, meditemos, vivamos e ensinemos o poder da prevenção. "Se não for certo, **não** o faça; se não for verdade, **não** o diga." disse Marco Aurélio.



Mas, se porventura tivermos falhado em algum ponto (e que os céus nos ajudem a não falhar), então voltemo-nos de todo o coração ao poder do arrependimento.

O enorme peso da transgressão é um fardo insuportável. Tenho ouvido o Presidente Lee dizer que o fardo mais pesado em todo o mundo é o peso do pecado. Não é uma visão agradável ver homens — velhos e moços — carregando angustiados esse fardo pela vida, desejando imensamente não terem agido assim.

Graças sejam dadas a Deus pelo princípio do arrependimento, por um Pai que nos entende e nos assegurou que aceitará nosso arrependimento, desde que sincero. Disse ele:

"Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará **e os abandonará.**

"... o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro." (D&C 58:43,42. Grifo nosso).

Com isto, voces podem contar. Oh, abandonem os caminhos que os conduzirão para onde ninguém realmente quer ir. Voltem-se para aquele que lhes dará paz, auto-respeito, pureza e uma consciência tranquila.

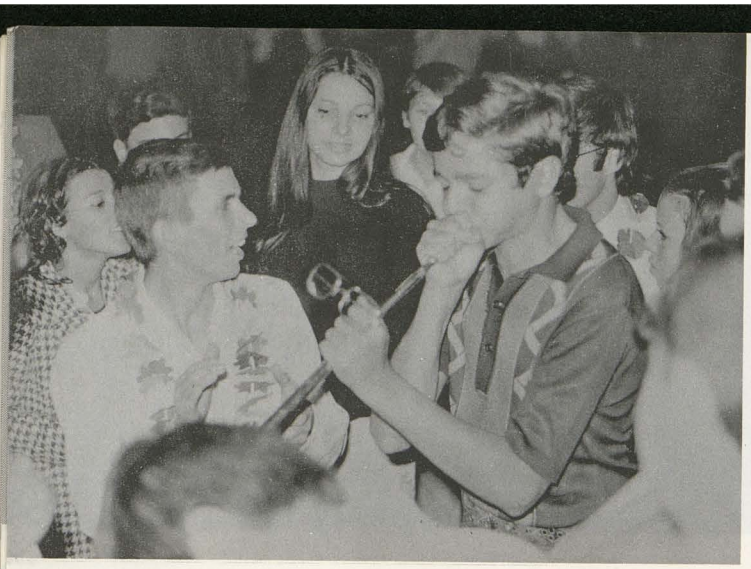
Não tenho a presunção de conhecer o esquema temporal dos planos e propósitos de nosso Pai, mas sei que a hora de voltar e começar a ir para onde devemos, é exatamente agora, e isto se aplica a cada um de nós.

Para onde vamos, **realmente?** Ao chegarmos mais uma vez à época que celebra a ressurreição de nosso Senhor e Salvador, seria bom recordar o plano e propósito divino que, no seu devido tempo, deve levar-nos desta vida breve, passageira, a uma vida real, pessoal, infinita, com ilimitadas possibilidades eternas, e o convívio de nossos entes queridos para todo o sempre. Este é o plano e propósito de nosso Pai. Eis porque é realmente importante para onde estamos seguindo e por que necessitamos do seu Evangelho, para nos indicar como chegarmos ao destino.

Agradeçamos a Deus pelas revelações aos seus profetas, passados e presentes, e por não nos abandornar. Ele nos tem dito mais do que jamais conseguimos seguir, e nos revelará ainda mais, à medida que o servirmos e guardarmos seus mandamentos.

Deixo com vocês, meus queridos amigos em toda a parte, o testemunho de que Deus realmente vive, aquele mesmo Deus que nos fez segundo sua própria imagem; que ele enviou seu Filho divino, nosso Salvador, para nos mostrar o caminho da vida e nos redimir da morte; que os céus foram abertos, revelando novamente a plenitude do Evangelho, para salvar e exaltar a todos nós, se assim o desejarmos, o que é o propósito de Deus: proporcionar nossa imortalidade e vida eterna.

Sei que meu Redentor vive, e rogo conceda sua paz e bênçãos aos homens de tôda a parte, em nome de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém.



A ordem era alegria e todos participaram a sua maneira.

CONFERÊNCIA MISSÃO BRASI

"Oba! aquela conferência", era o que se ouvia em toda a parte durante as semanas que precederam a conferência anual dos jovens da Missão Brasil Central. O Presidente Reinhold Kraft, Segundo Conselheiro na MBC e Supervisor do Sacerdócio Aarônico e AMM, Tereza Voulpe, Presidente da AMM-Moças e Leo Caverni, Superintendente da AMM-Rapazes da missão, lideraram o acontecimento.

Com a presença de 350 jovens dos vários ramos que compõem a MBC, a conferência teve início com um baile, na Capela de Pinheiros, na noite de sexta-feira, dia 30/7/71. A música esteve a cargo do consagrado Tibor Reisner e sua orquestra, tendo sido muito apreciada sua atuação. O recinto muito bem ornamentado com bambu e flores de papel, afixadas nas paredes, contribuiu para o sucesso do baile.

As atividades campais e desportivas realizadas na manhã seguinte no Centro Municipal de Campismo de



A participação e alegria foi total, havendo até os mais entusiasmados.

Os jovens conferencistas apreciaram o contato informal que mantiveram com o Pres. Hibbert e sua esposa.



"Oba! aquela Co

CIA DE JOVENS

ASIL CENTRAL



Aos jovens conferencistas sentiram-se logo integradas na vida de acampamento.

São Paulo — CEMUCAM, exigiu a competição inter-distritos, sagrando-se vencedor no torneio de futebol de salão, após a disputa de várias partidas o Distrito de Curitiba, pela contagem de três gols contra nenhum de Campinas. As partidas de voleibol incumbiram-se de conquistar a atenção das jovens participantes, mais uma vez, vencendo a equipe Curitibana. Entretanto, na gincana inter-distrital, Campinas levou a melhor, obtendo maior número de pontos.

Na noite de sábado participaram de um suculento jantar, prolongando-se em um "show" artístico demonstrando sua habilidade e talento.

A reunião especial de testemunhos, do domingo pela manhã deu um cunho espiritual ao acontecimento, contando com a participação total dos presentes. Nessa atmosfera cordial, cheia de divertimento sádio e espiritualidade, os jovens regressaram a seus lares, agradecidos por poderem participar e crescer no Evangelho.



Pres. Hibbert e seus conselheiros estiveram presentes participando ativamente do programa.

As disputas futebolísticas conquistaram a atenção dos jovens participantes.



a Conferência"

Agraciado pelo Senhor



Presidente Pureza, ensina a sua família o Evangelho.

"**Qualquer dia visitarei sua Igreja,**" foram as palavras de Wilson Pureza, atual presidente do Ramo da Tijuca — MBN, quando os missionários visitaram-no em sua casa. "Achava-se muito cansado, e não desejava saber nada a respeito de religião. Creio que recebemos duas aulas naquela noite, e compreendemos pouca coisa".

Os missionários ao partir deixaram-lhe o endereço da Igreja, que, prontamente, colocou em uma gaveta. Durante algum tempo, sempre que abria a gaveta, recordava-se dos missionários, até que um dia jogou o cartão fora. Alguns anos mais tarde, a família avistou uma seta que indicava a Igreja, mas, novamente "Um dia nós iremos," foi o comentário.

Nessa ocasião, surgiram sérios problemas para esta família feliz. Irrompeu um tumor na perna do irmão Pureza, e uma operação constatou tratar-se de câncer, em estado avançado. Todos os médicos concordaram, a solução seria amputar! Enquanto se achava convalescendo da primeira operação, sua esposa, Irmã Glória, foi a uma farmácia, recentemente aberta por um antigo membro da Igreja, que aproveitou a oportunidade para fazer-lhe as perguntas de ouro. Ela, entretanto, explicou-lhe que já conhecia algo sobre os Mórmons, e que não desejava saber mais. Na noite seguinte o farmacêutico ao aplicar a injeção, perguntou-nos se podia trazer os missionários no outro dia, e, o que podíamos dizer? "Ele sabia que eu não iria a nenhum lugar. Disse-lhe que seria melhor esperar até que me reabilitasse, entretanto, na noite seguinte, lá estava ele com os missionários."

A família havia recebido a terceira palestra, quando irmão Pureza foi para o hospital, onde amputaria a perna. "Sabia que Deus poderia ajudar, e qualquer auxílio era bem-vindo", disse a esposa. Numa tarde, os missionários visitaram-no no hospital e deram-lhe uma bênção. "Havia um espírito tremendo. Senti que Deus estava ali. Tudo era puro e simples, sem grande cerimônia. Foi algo divino". Daquele minuto em diante, as coisas mudaram. O médico da família, que até então não havia demonstrado esperança no caso, reexaminou os testes, confirmando a necessidade de um novo. Mas os demais clínicos achavam que amputar-lhe a perna era a única saída. Entretanto, foi realizada uma biópsia para confirmar a necessidade, e quando concluiram os testes a amputação não mais se fazia necessária. Todos opinaram sobre o que teria acontecido. Alguns creditavam o ocorrido aos espíritas, enquanto outros aos médicos, mas a família sabia a que atribuir.

Durante os três anos seguintes Irmão Pureza, serviu na Escola Dominical, como Secretário Geral do Sacerdócio Aarônico e agora como presidente de ramo.

"Somos gratos pelo conforto e paz que a Igreja nos proporciona. Nosso único pesar é não termos aceito o Evangelho quando tivemos a primeira oportunidade."



Jessie Evans Smith

1902 - 1971



A Irmã Smith, abençoada com uma voz excepcional e incomum senso de humor, alegrava a todos onde estivesse.

"É **imensurável a alegria e contentamento** que a Irmã Smith proporcionou à vida daqueles que a conheceram. Abençoada com uma voz excepcional e uma personalidade sedutora, ela difundia calor onde estivesse". Estas palavras tributadas a Jessie Evans Smith pelo Presidente Richard M. Nixon, fazem eco ao pensamento de milhões de pessoas que a conheceram pessoalmente bem como de incontáveis outras, cuja vida foi tocada através de seu canto.

A Irmã Smith, esposa amada do Presidente Joseph Fielding Smith, era dotada de excepcional talento musical e incomum senso de humor — dotes que distribuiu generosamente durante toda a vida, fazendo-se estimada pelas pessoas de todas as idades e posições sociais.

Nasceu na Cidade do Lago Salgado a 29 de dezembro de 1902 como única filha, depois de seis rapazes, de Jonathan e Janet Buchanan Evans. Sua excepcional voz de contralto revelou-se muito cedo, pois contava sòmente quinze anos ao ingressar no Coro do Tabernáculo em 1918 — uma associação que se prolongou por mais de meio século.

Durante quatro anos — de 1923 a 1927 — desempenhou papéis principais na Companhia Americana de Ópera Ligeira, mas quando teve que decidir se iria ou não continuar sèriamente em seus estudos de música com uma possível carreira na Companhia de Ópera Metropolitana, recorreu ao Senhor em jejum e oração. Guiando-se pelas promessas de sua bênção patriarcal ("Tua voz será ouvida na tua própria terra e no estrangeiro... toda a força latente em ti deverá ser empregada a serviço do Mestre"), ela voltou para casa, a fim de encetar carreira no mundo dos negócios e compartilhar seus talentos sem remuneração.

A vida de Jessie Evans adquiriu nova dimensão quando em 1938 tornou-se esposa de Joseph Fielding Smith, então membro do Conselho dos Doze, que ficara viúvo com onze filhos. Juntos, serviram ao Senhor, com a Irmã Smith sempre ao lado do marido dando-lhe apoio e incentivo. Sua voz foi ouvida em sua pátria e no estrangeiro quando acompanhava o esposo pelo mundo afora, visitando as congregações dos santos e muitas vêzes inspirando-os com tocantes duetos.

Jessie Evans Smith recebeu muitas honrarias — títulos de importantes universidades, o reconhecimento honorário de Ceifeira de Ouro, placas e citações — todos em virtude de seu raro humor, profunda humildade e espiritualidade, calor humano e amor, magnífico talento, e devoção a seu esposo, à Igreja e ao Senhor.

Quando faleceu a 3 de agôsto p.p., inúmeros amigos e admiradores, tanto dentro como de fora da Igreja, uniram-se em expressões de carinho e orações pelo Presidente Smith e família. A Igreja, e na verdade o mundo, são mais abençoados por haverem-na conhecido.



Mercado de Preston



Reunião de Rua em Belfast



Porto de Brisham